

**ECOTURISMO COMO INSTRUMENTO DE
DESENVOLVIMENTO: LIMITES, DESAFIOS
E POTENCIALIDADES**

CRISTIANE FERREIRA REZENDE



129446

2004

CRISTIANE FERREIRA REZENDE

ECOTURISMO COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO:
LIMITES, DESAFIOS E POTENCIALIDADES

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em "Gestão Social, ambiente e desenvolvimento", para a obtenção do título de "Mestre".

Orientador
Prof. Dr. Edgard Alencar

BIBLIOTECA CENTRAL

UFLA

Nº CLAS T338.4791

REZ

Nº REGISTRO eco
129446

DATA 29 09 2006

LAVRAS
MINAS GERAIS – BRASIL
2004

**Ficha Catalográfica Preparada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da UFLA**

Rezende, Cristiane Ferreira

**Ecoturismo como instrumento de desenvolvimento: limites, desafios e
potencialidades / Cristiane Ferreira Rezende. – Lavras : UFLA, 2004.**

115 p. : il.

Orientador: Edgard Alencar.

Dissertação (Mestrado) – UFLA.

Bibliografia.

**1. Turismo. 2. Meio ambiente. 3. Desenvolvimento. I. Universidade Federal
de Lavras. II. Título.**

CDD-338.4791

CRISTIANE FERREIRA REZENDE

ECOTURISMO COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO:
LIMITES, DESAFIOS E POTENCIALIDADES

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em “Gestão Social, ambiente e desenvolvimento”, para obtenção do título de "Mestre".

APROVADA em 30 de março de 2004

Profª. Dra. Maura Lígia Zelaya de Chevez

IAEMG

Prof. Dr. Robson Amâncio

UFLA


Prof. Dr. Edgard Alencar
UFLA
(Orientador)

LAVRAS
MINAS GERAIS – BRASIL
2004

DEDICO

**Aos meus pais, pelo amor incondicional,
incentivo, estímulo e compreensão.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela presença constante em minha vida.

À Universidade Federal de Lavras e ao Departamento de Administração e Economia (DAE), pela oportunidade.

Ao CNPq, pelo suporte financeiro.

Aos professores do DAE, principalmente ao meu orientador, Prof. Edgard Alencar que, amparando-me sempre incentivou a buscar meu próprio caminho.

Ao Prof. Robson Amâncio, pela amizade e confiança em meu trabalho.

À Prof. Maura Lígia Zelaya de Chevez, pelas valiosas sugestões e disponibilidade em participar da banca.

Aos colegas da turma de 2002, pelo companheirismo e cooperação, em especial à Daniela, Daniele e Letícia, que se tornaram grandes amigas e compartilharam angústias e alegrias nessa trajetória.

A todo o povo carranquense, pela disponibilidade e receptividade, sem as quais não seria possível a realização deste trabalho.

À Lucymere e Sebastiana, por cuidarem da minha casa e dos meus filhos com carinho e dedicação.

Aos meus irmãos e amigos, Bruno, Douglas e Dado; meus queridos avós (Milton e Lilia), meu sogro e minha sogra pelo carinho.

Aos meus queridos pais, Ronaldo e Maria Aline, pela dedicação, carinho, amor e disponibilidade. Serei eternamente grata e orgulhosa em te-los como pais.

E, por fim, agradeço à minha pequena, mas maravilhosa família, Dani, Júlia e Dan, pela compreensão, pelo amor compartilhado e por me fazerem tão feliz.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	iii
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 TURISMO, DESENVOLVIMENTO E SEUS POSSÍVEIS ENTRELAÇAMENTOS	5
2.1 História do turismo.....	5
2.2 Turismo e desenvolvimento: limites e potencialidades.....	8
2.3 Planejamento: uma importante ferramenta.....	12
2.4 Os impactos do turismo.....	15
2.4.1 Impactos econômicos	15
2.4.2 Impactos físicos-ambientais	17
2.4.3 Impactos sócio-culturais.....	18
2.5 Ecoturismo	21
2.6 Desenvolvimento.....	23
2.6.1 Desenvolvimento: conceitos e contextualização histórica	24
2.6.2 Desenvolvimento sustentável.....	28
2.6.3 O desenvolvimento como liberdade	30
2.6.4 Desenvolvimento local	31
2.7 Capital social: aplicações para o desenvolvimento sustentável	35
2.8 Convergências nas propostas atuais de turismo e desenvolvimento	38
3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS, ÁREA DE ESTUDO E MÉTODOS DE PESQUISA.....	40
3.1 Paradigmas de pesquisa em ciências sociais	40
3.2 A área de estudo	44
3.3 Seleção dos entrevistados.....	46
3.4 Métodos de coleta de informações	48
3.5 Análise dos dados.....	50
4 CARRANCAS E O TURISMO	52
4.1 Carrancas e o turismo – uma tentativa de unir diferentes pesquisas	52
4.1.1 Panorama geral.....	52
4.1.2 O perfil do turista	54
4.2 Significados do termo desenvolvimento e sua relação com o turismo local	57
4.2.1. Os diferentes significados atribuídos ao termo desenvolvimento	58
4.2.2 Variações na percepção do termo desenvolvimento	60
4.2.3 Algumas considerações sobre desenvolvimento	65
4.2.4 Turismo e desenvolvimento	65
4.2.5 Considerações gerais sobre a relação turismo-desenvolvimento	69
4.3 Significados do termo qualidade de vida e sua relação com o turismo local	71
4.3.1 Os significados de qualidade de vida	71

4.3.2	Variações na percepção de qualidade de vida.....	73
4.3.3	Considerações sobre qualidade de vida	75
4.3.4	Turismo e qualidade de vida.....	76
4.3.5	Considerações gerais sobre a relação entre turismo e qualidade de vida... 80	
4.4	Impactos positivos e negativos do turismo no município.....	81
4.4.1	Percepções positivas.....	82
4.4.2	Impactos negativos.....	88
4.4.3	Considerações gerais sobre as mudanças percebidas pela população decorrentes da atividade turística.....	95
4.5	Ações sugeridas	95
4.5.1	Ações para minimizar os impactos negativos percebidos.....	96
4.5.2	Para melhorar o turismo na cidade.....	97
4.5.3	Ações sugeridas para minimizar os impactos negativos e melhorar o turismo no município de Carrancas, MG	98
4.5.4	Considerações sobre as ações sugeridas	100
4.6	Fazendo um “balanço” e analisando a viabilidade da atividade turística ...	101
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	110

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Grupo de atores entrevistados, agosto e setembro de 2003.....	47
QUADRO 2	Significado de desenvolvimento, na perspectiva dos atores entrevistados, Carrancas MG, 2003.....	59
QUADRO 3	Significado de desenvolvimento: relação das categorias abertas com base nas falas dos atores, Carrancas, MG, 2003.....	62
QUADRO 4	Frequência de respostas por categorias de atores.....	63
QUADRO 5	Significado de desenvolvimento: relação predominante por categoria de entrevistados, Carrancas, MG, 2003.....	64
QUADRO 6	Opinião dos atores na relação turismo e desenvolvimento, Carrancas, MG, 2003.....	66
QUADRO 7	Relação entre turismo e desenvolvimento na perspectiva dos atores sociais, Carrancas, MG, 2003....	68
QUADRO 8	Significados atribuídos ao termo qualidade de vida, Carrancas, MG, 2003.....	72
QUADRO 9	Significado de qualidade de vida: relação das categorias abertas com as falas dos atores, Carrancas MG, 2003.....	74
QUADRO 10	Significado de qualidade de vida: relação predominante por categoria de atores entrevistados, Carrancas, MG, 2003.....	75
QUADRO 11	Significado de qualidade de vida: categoria de atores sociais e fatores associados à qualidade de vida, Carrancas, MG, 2003.....	75
QUADRO 12	Significado de desenvolvimento, Carrancas, MG, 2003.....	76
QUADRO 13	Significado de qualidade de vida, Carrancas, MG, 2003.....	76
QUADRO 14	Relação dos depoimentos às percepções dos grupos de atores pesquisados, Carrancas, MG, 2003.....	77
QUADRO 15	Aspectos econômicos e sociais associados à relação turismo e qualidade de vida, Carrancas, MG, 2003.....	78
QUADRO 16	Aspectos sociais positivos e negativos na relação entre	

	turismo e desenvolvimento, Carrancas, MG, 2003.....	80
QUADRO 17	Pontos positivos do turismo na perspectiva dos atores sociais, Carrancas MG, 2003.....	83
QUADRO 18	Pontos negativos do turismo na perspectiva dos atores sociais, Carrancas MG, 2003.....	90
QUADRO 19	Natureza dos impactos do turismo segundo a perspectiva dos entrevistados, Carrancas, MG, 2003....	94
QUADRO 20	Categorias de ações apontadas pelos entrevistados como meios para minimizar os impactos negativos do turismo no município de Carrancas, MG, 2003.....	96
QUADRO 21	Categoria de ações apontadas pelos entrevistados como meio para melhorar o turismo no município de Carrancas, MG, 2003.....	98

RESUMO

REZENDE, Cristiane Ferreira. **Ecoturismo como instrumento de desenvolvimento: limites, desafios e potencialidades**. 2004. 115 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG.*

Este trabalho fundamentou-se na abordagem fenomenológica e buscou verificar se, na percepção dos atores sociais entrevistados, o turismo tem contribuído para o processo de desenvolvimento do município de Carrancas, MG. Procurou-se também identificar os impactos positivos e negativos da atividade turística, bem como sugestões para que os impactos negativos sejam minimizados e para que o turismo local seja melhorado. Para a coleta de informações, foram entrevistados representantes do poder público, empresários, proprietários rurais em cujas terras encontram-se atrativos turísticos e a população local (guias turísticos, folclore e pessoas indicadas). Os resultados da pesquisa, permitem considerar que, apesar da idéia de desenvolvimento predominante entre os entrevistados estar vinculada à noção de crescimento econômico, outras dimensões foram também apontadas. Nesse sentido, teve grande relevância a relação que estabeleceram entre desenvolvimento e qualidade de vida. A opinião geral dos atores foi a de que o turismo tem trazido desenvolvimento para o município e, entre os principais benefícios, destacaram-se a geração de emprego e renda. Quanto aos impactos negativos percebidos, os que foram mais mencionados estavam vinculados a fatores ambientais. Destacaram-se, entre as ações sugeridas para que os impactos sejam minimizados e para que o turismo na cidade possa ser melhorado: a importância do planejamento, a normatização das atividades turísticas, ocupação adequada do espaço urbano e rural e a necessidade de união entre os atores. Apesar da consciência e da percepção positiva sobre turismo local, evidenciou-se a dificuldade de implementação das ações sugeridas, principalmente pela existência de conflitos de interesses. No entanto, se os atores envolvidos conseguissem estabelecer atitudes mais cooperativas talvez conseguissem alcançar formas mais sustentáveis de turismo.

*Orientador: Edgard Alencar (orientador)

ABSTRACT

REZENDE, Cristiane Ferreira. **Ecotourism as a development instrument: limits, challenges and potentialities.** 2004 115p. Dissertation (Master Degree in Management) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG.*

The objective of this work was to verify if, from the point of view of the social actors that were interviewed, tourism has contributed for the development process in the municipality of Carrancas, MG. We also attempted to identify the positive and negative impacts of tourism, as well as suggestions to minimize negative impacts and to improve local tourism. The study was based on the phenomenological approach. Local government representatives, businessmen, land owners whose land has tourism attractions and local population (tourist guides, folk people and some people who were indicated) were interviewed. From the research we noticed that, although the main idea of development of the interviewed is associated to economic improvement, they also presented ideas of other dimensions. The relationship the interviewed established between development and quality of life was of great significance. The general opinion was that tourism has brought development for the municipality. Among the main benefits are the generation of jobs and income. As for the negative impacts, the most mentioned were those associated to environmental factors. Among the actions suggested to minimize the impacts and to improve tourism in the municipality we point out: the importance of planning, organization of tourism activities, adequate occupation of rural and urban areas and the necessity of union of the actors. Although the actors presented a conscious and positive perception of local tourism, the difficulty to implement the actions suggested became evident, especially due to a conflict of interests. However, if the actors involved were able to establish cooperative attitudes, introducing the concept of social capital, perhaps more sustainable forms of tourism could be achieved.

*Adviser professor: Edgard Alencar UFLA

1 INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade em expansão no mundo e movimenta um volume de capital cada vez maior. Por ser uma importante fonte de geração de emprego e renda, o turismo tem sido bastante valorizado nas estratégias de desenvolvimento de vários países. No entanto, a utilização do turismo para este fim deve ser cuidadosamente analisada, tendo em vista os graves problemas trazidos pelo turismo de massa e exploratório.

Em contraste com os modelos adotados até a década de 1990, quando investimentos em infra-estrutura e facilidades estimulavam o turismo exploratório, o ecoturismo se apresenta como uma forma alternativa da atividade na qual preservação e sustentabilidade são fatores fundamentais.

No entanto, podem-se encontrar vários conceitos de ecoturismo e este ainda é, muitas vezes, confundido com turismo ecológico. De qualquer maneira, as definições estão intimamente ligadas a uma forma de turismo alternativo, comedido, que exerça impacto mínimo sobre os ecossistemas naturais, que valorize e respeite a cultura local e promova o bem-estar da população receptora.

A principal crítica ao ecoturismo está calcada na distância existente entre a teoria e a realidade, ficando mais na retórica que na prática. Porém, esta talvez seja uma questão relacionada à falta de planejamento adequado e, principalmente, por se deixar regular pelas leis de mercado.

Agindo dessa forma, ou seja, deixando que o turismo se desenvolva sem um planejamento cuidadoso, o produto turístico pode ser enquadrado no conceito de ciclo de vida do produto, que começa com uma fase inicial da exploração, passando pelo investimento, desenvolvimento e consolidação até chegar à estagnação e ao declínio.

Alguns autores ressaltam que as fases finais do ciclo de vida não são inevitáveis. O desafio de estabelecer formas mais duráveis e menos danosas de turismo passa pelo planejamento adequado, baseado na capacidade de suporte, no estabelecimento dos limites do turismo aceitável e na escolha dos meios para atingir tais objetivos.

A redução do termo desenvolvimento a uma dimensão estritamente econômica tem agravado os problemas da atividade turística. No entanto, essa forma restrita de enxergar o desenvolvimento começou a ser questionada no final da década de 1960. No início da década de 70, foi publicado o estudo sobre os limites do crescimento e aconteceu a conferência de Estocolmo sobre ambiente humano e econômico. Em 1973, Maurice Strong usou pela primeira vez, o conceito de ecodesenvolvimento como uma alternativa à política de desenvolvimento. O ecodesenvolvimento tem como base a justiça social, a eficiência econômica e a prudência ecológica e os debates a seu respeito prepararam a adoção posterior do desenvolvimento sustentável. Sendo assim, o ecoturismo propõe o desenvolvimento sustentável, considerando que o principal objetivo do desenvolvimento é satisfazer às necessidades humanas. No entanto, fazer do turismo um possível veículo de qualidade de vida das sociedades, geração de emprego e distribuição de renda ainda é um desafio a ser superado.

O Brasil, com seus mais de 8 milhões de km², com imensa costa marítima, inúmeros rios, grande diversidade cultural, fauna e flora variadas, possui um enorme potencial para o turismo nas mais diferentes formas. Só em Minas Gerais destacam-se, entre outros, o Circuito das Águas, as cidades históricas, serras, fazendas e a natureza exuberante. Entre essas rotas turísticas encontra-se Carrancas.

O município de Carrancas fica na região Sul/Sudoeste do estado de Minas Gerais e pertence a microrregião do Alto do Rio Grande. Além das belezas naturais, Carrancas também atrai muitos turistas por suas festas

populares, como o famoso carnaval fora de época, a folia de reis e a congada e, ainda, pela valor arquitetônico de suas igrejas e fazendas centenárias.

A implantação do turismo em Carrancas ainda está em fase inicial e há muito o que se fazer para que a cidade adquira a infra-estrutura necessária para receber seus turistas. A grande preocupação é que os turistas adquiram uma educação ambiental adequada, visando à preservação da cidade e seus recursos naturais. É necessário também haver conscientização dos moradores em relação ao patrimônio que eles possuem, para que os benefícios trazidos pelo ecoturismo possam ser por eles aproveitados.

Dessa maneira, um estudo que identificasse a opinião da comunidade, sua percepção acerca do desenvolvimento e do turismo na cidade, bem como os impactos positivos e negativos trazidos pela atividade, seria de grande importância para que se fizesse uma avaliação e direcionassem-se os esforços a fim de que os impactos negativos fossem minimizados e o positivos fossem potencializados.

Sendo assim, este estudo tem como objetivo geral verificar se, na percepção dos atores envolvidos, o turismo na cidade de Carrancas tem contribuído positivamente para o processo de desenvolvimento do município. Especificamente pretende-se:

- verificar a percepção dos atores sobre os conceitos de desenvolvimento e qualidade de vida;
- identificar se o turismo tem contribuído para estes dois aspectos;
- fazer um levantamento, junto aos atores envolvidos, acerca dos principais pontos favoráveis e os principais impactos negativos do turismo no município;
- caracterizar algumas medidas sugeridas pelos atores para que o turismo em Carrancas possa ser melhorado e os impactos negativos da atividade minimizados.

A estrutura do presente trabalho obedeceu a uma organização lógica que conduziu à consecução destes objetivos. No segundo capítulo, são discutidos os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa, estando dividido em dois grandes blocos: o primeiro apresenta questões sobre turismo, sua história, conceitos e principais impactos; no segundo, são discutidos conceitos e políticas atuais sobre desenvolvimento. No capítulo 3, Metodologia, são apresentados os princípios da abordagem interpretativa e os métodos de coleta e análise de dados empregados. No capítulo 4 são expostos e discutidos os resultados da pesquisa. O capítulo 5 encerra o trabalho apresentando as conclusões tiradas a partir da coleta e interpretação dos dados, bem como sugestões para futuras pesquisas sobre turismo.

2 TURISMO, DESENVOLVIMENTO E SEUS POSSÍVEIS ENTRELAÇAMENTOS

Neste capítulo será discutida a fundamentação teórica em que se apóia esta pesquisa. Em primeiro lugar, serão abordados temas relacionados ao turismo, sua história, modalidades e impactos. Em seguida, o enfoque volta-se para o tema desenvolvimento, discutindo diferentes perspectivas e fazendo uma contextualização histórica.

2.1 História do turismo

O turismo existe desde as mais antigas civilizações. Há autores que situam o começo desta atividade no século XIII a.C., na Grécia, quando as pessoas viajavam para ver jogos olímpicos. Outros autores acreditam que os primeiros viajantes foram os fenícios, por terem sido os inventores da moeda e do comércio (Barreto, 1997). Por volta de 4000 a.C., os babilônios já faziam viagens de visitação e mil anos depois o Egito recebia visitantes para contemplar as pirâmides (Melo, 2002). Nesta fase, o turismo era uma atividade voltada para a elite, símbolo de status social e produto de desejo da maioria da população (Roque, 2001).

De acordo com Ignara (1999), no Império Romano foram feitos registros das primeiras viagens de lazer. Oliveira (2000) destaca que, neste período, foram construídas muitas estradas, o que foi determinante para que seus cidadãos viajassem entre os séculos II a.C. e o século II d.C. Segundo o autor, os romanos buscavam lazer em praias e cura nos spas. Ignara (1999) acrescenta que os nobres romanos também faziam longas viagens para visitar grandes templos.

Chegavam a viajar 150 km por dia, fazendo a troca periódica dos cavalos que puxavam suas carroças (inclusive foram nestes postos de trocas que surgiram as primeiras hospedarias). Com o fim do Império Romano e a passagem da sociedade para organizações em feudos, as viagens se tornaram mais perigosas, em decorrência do medo de assaltos e, por isso, elas sofreram um grande decréscimo.

Após o ano 1000, as viagens se tornaram mais seguras e se ampliaram. Começaram a ser construídas grandes estradas, por onde os comerciantes passavam. Segundo Ignara (1999), as necessidades de ampliação do comércio implicaram na ampliação também das rotas dos comerciantes. As viagens, que eram apenas terrestres, passaram a incluir roteiros marítimos, primeiramente ligando a Europa à Ásia, pelo Mar Mediterrâneo e depois pelos oceanos.

No século XIX, após a Revolução Industrial, começaram as primeiras viagens organizadas com a intervenção de agentes de viagem, caracterizando o começo do turismo moderno (Barreto, 1997). O surgimento da ferrovia propiciou o deslocamento a distâncias maiores em períodos menores de tempo. Nessa época, as viagens marítimas também se desenvolveram bastante. Com a invenção do barco a vapor, a navegação passou a ser mais segura, mais rápida e com maior capacidade de carga. De acordo com Mendonça e colaboradores (2003), estas oportunidades de viagem deram início ao turismo de massa nos balneários espalhados pela Europa, tendo sido essa uma grande alavancagem da atividade turística.

A aviação foi o advento definitivo para impulsionar o desenvolvimento da atividade. Mas, segundo Hushmann (1997), foi a partir do século XX, e mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, que o turismo evoluiu como consequência dos aspectos relacionados à produtividade empresarial, ao poder de compra das pessoas e ao bem-estar resultante da restauração da paz no mundo.

Segundo Barreto (1997), em 1949 foi vendido o primeiro pacote aéreo e, por volta de 1960, começaram a existir as operadoras turísticas que ofereciam pacotes partindo de diferentes lugares da Europa.

Hushmann (1997) considera que os anos de 1950 a 1970 caracterizaram-se pela massificação da atividade com pacotes turísticos que levaram pessoas às partes mais remotas do planeta. A autora ressalta que, apesar de ter ocorrido na segunda metade do século XX, essa modalidade foi denominada “turismo velho” por se diferenciar do turismo atual, retratado pela flexibilidade das atividades, pela segmentação dos mercados e por experiências turísticas mais autênticas.

“Atualmente, com a crescente deterioração das condições de vida das grandes cidades, as regiões com belezas naturais têm atraído grande parcela da população.” Hushmann (1997) afirma que o turismo contemporâneo é um grande consumidor da natureza e que sua evolução nas últimas décadas ocorreu como consequência da busca do verde e da fuga do tumulto dos grandes conglomerados urbanos. A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2003) acrescenta que a tendência é de que um número crescente de turistas se interesse por recreação, esporte e aventura e que procure mais informações sobre a história, a cultura e o ambiente natural das áreas que visitam. Além disso, a OMT destaca o aumento no número de turistas preocupados com a questão ambiental, que se interessam em visitar lugares bem-planejados e que não favoreçam o aparecimento problemas ambientais e sociais nas áreas receptoras.

“Gonçalves (2001) afirma que este movimento de valorização do ambiente é decorrente da difusão do pensamento ambientalista que, aliado à degradação das condições de vida nas grandes cidades (poluição, violência, stress), vem estimulando um retorno e uma revalorização da natureza e das tradições locais por parte das populações urbanas.”

A mesma autora acrescenta que esta valorização está associada à crítica ao processo de urbanização e ao progresso, com o campo passando a ser

valorizado em função do ar puro, das relações de sociabilidade mais estreitas, da tranquilidade, do contato mais próximo com a natureza e da utilização de práticas sustentáveis de agricultura. Assim, atividades como férias no interior, esportes na mata e acampamentos de verão, entraram na moda e funcionam como uma forma de fuga das cidades. Neste contexto, o campo aparece não só como espaço de produção mas também como lugar de contemplação e revigoração para um número cada vez maior das populações urbanas.

2.2 Turismo e desenvolvimento: limites e potencialidades

O turismo constitui-se na atividade que apresenta os maiores índices de crescimento no contexto econômico mundial, movimentando cerca de US\$3,5 trilhões/ano. Segundo a OMT (1996), citada por Roque (2001), a atividade turística emprega uma em cada nove pessoas economicamente ativas, cria 745 empregos/dia, com previsão para ocupar 348 milhões de pessoas até o ano de 2005 e participar em 10,7% dos investimentos mundiais. Fica fácil perceber porque o turismo tem sido valorizado por diversos países e desempenha, em muitas ocasiões, um importante papel nas estratégias de desenvolvimento.

No entanto, não se deve enfatizar somente a sua dimensão econômica. Barreto (1997) defende que o turismo, por estar diretamente relacionado com pessoas, é um fenômeno que diz respeito a todas as ciências sociais e não apenas à ciência econômica.

O conceito de turismo, como os demais conceitos nas ciências humanas, é controverso e varia de acordo com as concepções teóricas dos autores que tratam do assunto. Ignarra (1999) cita dois conceitos, um elaborado por Oscar de La Torre e outro por José Vicente de Andrade:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivo de recreação, descanso, cultura e saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exerce nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (Ignarra, 1999, p. 57.).

Turismo é um conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens, e os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de suas residências habituais (Ignarra, 1999, p. 57.).

Os dois conceitos se completam na medida em que caracterizam diferentes dimensões do fenômeno que procuram descrever, entre os quais se destacam as possíveis inter-relações sociais, econômicas e culturais e seus potenciais impactos positivos e/ou negativos. Além disso, ressaltam o planejamento como uma dimensão que visa aumentar o controle sobre os efeitos desses impactos.

Uma das maiores críticas ao uso do turismo para o desenvolvimento se deve ao fato de que esta atividade tem trazido imensos impactos para o núcleo receptor, tornando-se extremamente questionável ao contribuir para o declínio e até mesmo, chegando a exaurir as áreas naturais e levar ao esgotamento do que antes era tido como recurso turístico. Verifica-se, portanto, o perigo de que esta atividade gere impactos sócio-ambientais de grande proporção (Wearing & Neil, 2001). Neste sentido, Huschmann (1997) afirma que um importante conceito para a atividade é o de ciclo de vida do produto, que serve como instrumento do planejamento turístico e se baseia na identificação da fase em que se encontra a localidade em estudo e nas medidas adequadas para direcionar seu desenvolvimento.

Ignarra (1999) afirma que algumas localidades são descobertas por aventureiros, que passam a fazer propaganda boca-a-boca do destino. Aos

poucos, outras pessoas vão descobrindo o novo destino e a demanda começa a crescer. Esse crescimento se dá até o ponto em que o excesso da ocupação provoca deterioração do produto. Aí, a destinação começa a declinar.

O modelo de Butler estabelece que o ciclo de vida de um produto turístico compreende as seguintes fases: exploração, investimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação e declínio. No entanto, o declínio não é inevitável, uma vez que as áreas podem ser revitalizadas e rejuvenescidas pelo planejamento. Estima-se em 20 anos o período de apogeu de destinações turísticas (Ignarra, 1999; Ruschmann, 1997)

Existe ainda uma estreita relação do turismo com o meio ambiente em que ele ocorre, principalmente por meio da paisagem, transformada em produto a ser consumido. Para Boo (1995), os impactos do turismo podem ser identificados pelos custos e benefícios potenciais. Quanto aos custos, destacam-se a degradação do meio ambiente, as injustiças e instabilidades econômicas e as mudanças sócio-culturais negativas. Existem, por outro lado, os benefícios potenciais, como a geração de receita para as áreas protegidas, a criação de empregos para as pessoas que vivem próximas a essas áreas e a promoção de educação ambiental e de conscientização sobre conservação.

Aspirando compatibilizar o desenvolvimento turístico e a conservação dos recursos naturais, surge o termo turismo sustentável. A OMT (2003) adota a abordagem sustentável do turismo na qual os recursos naturais, históricos e culturais sejam preservados para uso no futuro. Esta organização identifica os seguintes atributos relacionados ao termo turismo sustentável:

O desenvolvimento do turismo sustentável atende às necessidades do turista de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro. É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos

ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida (OMT, 2003)

No entanto, para alguns autores, como Rodrigues (1999), a atividade turística é incompatível com a idéia de desenvolvimento sustentável, já que sua sustentação econômica está atrelada à contínua descoberta de paisagens naturais e históricas que são transformadas em mercadorias para serem comercializadas. Ou seja, a natureza torna-se cada vez mais um objeto de contemplação e consumo, transformando-se na principal “matéria-prima” do mercado turístico.

Krippendorf (1989), apesar de citar algumas dificuldades encontradas e de fazer algumas críticas relacionadas à sustentabilidade turística, acredita ser falsa a crença de que a solução seria suprimir o turismo. Este autor propõe a humanização do turismo, de forma que as suas políticas não sejam centradas exclusivamente nas finalidades econômicas e técnicas, acreditando que qualquer evolução deve inclinar-se para o desenvolvimento do ser humano. Para superar tantos obstáculos e alcançar os benefícios a que se destina, Faria & Carneiro (1999) apontam a necessidade de se adotar uma abordagem multidisciplinar, um sistema intersetorial e um planejamento cuidadoso (tanto físico como gerencial) para impedir que a atividade seja impulsionada exclusivamente por forças de mercado, além de se estabelecerem diretrizes e regulamentos rígidos, que garantam estabilidade à atividade.

Estas diferentes visões mostram algumas das inquietações a respeito do termo turismo sustentável e até mesmo a incredibilidade relacionada a este conceito. No entanto, a negação da atividade pode ser ainda mais grave, já que as conseqüências certamente virão. O mais prudente é tentar, mesmo diante de tantas dificuldades, buscar o turismo sustentável por meio do planejamento detalhado e do gerenciamento adequado. Realizado de maneira estruturada e com adequada visão sistêmica, visando diminuir os impactos negativos e

potencializar os benefícios da atividade, o turismo poderá vir a ser caracterizado como um possível instrumento do desenvolvimento sustentado.

2.3 Planejamento: uma importante ferramenta

Para a OMT (2003), planejar é organizar o futuro de forma a atingir certos objetivos. O planejamento no turismo tem por objetivo levar benefícios sócio-econômicos para uma localidade, sem comprometer a sustentabilidade do setor turístico. Para ser eficaz, o planejamento turístico precisa ser executado de acordo com um processo sistemático; esse processo pode variar, dentro de certo limite, dependendo do tipo de planejamento e das condições locais, mas geralmente, segue os seguintes passos:

- preparação do estudo;
- determinação dos objetivos de desenvolvimento;
- levantamento e avaliações;
- análise e síntese;
- formulação de políticas e planos;
- recomendações;
- implementação e gerenciamento.

Os planos são normalmente elaborados num período de tempo definido, com uma estrutura de tempo para o estabelecimento de objetivos, desenvolvimento e o monitoramento do progresso do projeto (OMT, 2003).

No caso específico do turismo, Wearing & Neil (2000, p. 38) apontam que o "planejamento envolve a antecipação e regulamentação das mudanças, estimulando o desenvolvimento adequado, de modo que aumentem os benefícios sociais, econômicos e ambientais do processo real". Barreto (1991) aponta mais um motivo para o planejamento: a necessidade de adequação entre fluxo

turístico e núcleo receptor, que significa o atendimento às expectativas do primeiro sem esquecer os direitos do segundo no que se refere aos aspectos urbanísticos, ecológicos e sociais.

Huschmann (1997) também faz um alerta nesse sentido, afirmando que planejar e desenvolver os espaços e as atividades que atendam aos anseios das populações locais e dos turistas são duas difíceis metas dos poderes públicos que, para implementá-los, vêm-se diante de dois objetivos conflitantes: prover oportunidade e acesso às experiências recreacionais ao maior número de pessoas possível, o que se contrapõe diretamente ao segundo, que é proteger e evitar a descaracterização dos locais privilegiados pela natureza e do patrimônio cultural das comunidades. Para essa autora, a finalidade do planejamento turístico consiste em ordenar as ações do homem sobre o território, ocupando-se em direcionar a construção de equipamentos e infra-estrutura de forma adequada evitando, dessa forma, os efeitos negativos nos recursos, como a sua destruição ou redução de sua atratividade.

Ignarra (1999) acredita que a grande preocupação dos planejadores na atualidade é a sustentabilidade do turismo. Afirma o autor que é necessário definir um modelo de desenvolvimento que permita o crescimento da atividade sem perda de sua qualidade e cita vários instrumentos que podem ser utilizados para controlar este desenvolvimento. Entre eles estão:

- estudos de impacto ambiental para aprovação de projetos de maior porte;
- leis de uso e ocupação do solo que visam, em princípio, ordenar esta ocupação (no entanto, o autor considera que a legislação de proteção do patrimônio turístico não se restringe aos índices de ocupação dos terrenos, mas cuida também da manutenção da flora e da fauna nativas, do tratamento de esgotos, da coleta e tratamento de lixo).

Huschmann (1997), apoiando-se no trabalho de Bound e Bovy, observa que os objetivos do planejamento turístico podem envolver localidades, regiões, países e até continentes e são realizados tanto por órgãos públicos como por empresas privadas desse ramo de atividade. A mesma autora resume alguns destes objetivos:

- definir políticas e processos de implementação de equipamentos e atividades, e seus respectivos prazos;
- coordenar e controlar o desenvolvimento espontâneo;
- maximizar os benefícios sócio-econômicos e minimizar os custos, visando o bem da comunidade receptora e a rentabilidade dos empreendimentos do setor;
- minimizar a degradação dos locais e recursos sobre os quais o turismo se estrutura e proteger aqueles que são únicos;
- garantir que a imagem da destinação se relacione com a proteção ambiental e a qualidade dos serviços prestados;
- atrair financiamentos e assistência técnica para o desenvolvimento do turismo e a preservação ambiental.

Segundo Petrocchi (1998), dois tipos de planejamento podem ser destacados para o turismo:

- modelo mediterrâneo ou urbano, e
- modelo fechado ou americano.

O primeiro tem a característica de permitir ao visitante a integração com a localidade visitada e com benefícios direcionados para a própria população local. No segundo, o visitante tem ampla estrutura de hospedagem, equipamentos e atividades de lazer, e fica isolado da realidade da região e de seus habitantes.

Segundo a OMT (1998), tradicionalmente, o planejamento da atividade turística tem sido mais orientado para atender às exigências do turista, investindo

em facilidades e serviços que estes necessitam, sem que o bem-estar dos residentes tenha sido levado em conta. Segundo esta organização, este enfoque não pode ser mantido se pretende-se garantir o êxito das intervenções turísticas a longo prazo e garantir uma experiência turística de qualidade que melhore a capacidade de retenção do destino.

Sendo o turismo uma atividade econômica com elevada capacidade de gerar riquezas e criar empregos, se realizado de maneira estruturada poderia vir a ser caracterizado como uma importante vertente do desenvolvimento sustentável. Tal possibilidade levanta a necessidade de se discutir seus possíveis impactos.

2.4 Os impactos do turismo

O turismo pode trazer tanto benefícios como problemas para uma determinada região ou município. Estes impactos podem se verificar nos níveis econômico, social, ambiental e cultural, os quais serão caracterizados a seguir.

2.4.1 Impactos econômicos

Segundo Ignarra (1999), os impactos econômicos que mais beneficiam uma localidade turística são:

- aumento das receitas;
- aumento do recebimento de divisas;
- geração de empregos.
- estímulos aos investimentos;
- redistribuição de renda;
- geração de impostos;

No entanto, da mesma forma que o turismo pode trazer benefícios, também pode trazer impactos negativos, sendo o principal deles a pressão inflacionária.

Neste sentido Tofani (1999) ressalta que o desenvolvimento do turismo em comunidades de base econômica frágil e sem diversificação tem provocado também o aumento das taxas inflacionárias. Isso tem sido causado pela associação de quatro fatores: primeiro, a demanda por bens e serviços importados; segundo, os típicos aumentos de preços de bens e serviços ofertados para turistas e, conseqüentemente, ofertados para toda a população; terceiro, o aumento dos preços dos imóveis e da especulação devido ao aumento da demanda imobiliária pelo turismo; quarto, a criação ou aumento de taxas pelo estabelecimento ou ampliação da infra-estrutura e serviços urbanos e o aumento de impostos prediais e territoriais.

A junção de todos estes fatores, juntamente com a pressão de venda sobre famílias proprietárias de imóveis, tem gerado a “expulsão econômica” dos habitantes mais pobres e estabelecido formas danosas de segregação espacial. Embora muitas famílias ampliem sua renda em virtude da inserção no setor turístico, geralmente a melhoria de seus padrões econômicos não consegue cobrir o aumento do custo de vida local. Segundo Tofani (1999, p. 9):

(...) esse fenômeno tem criado um visível contraste entre as áreas tradicionais (ocupadas por equipamentos turísticos, melhor infra-estrutura e serviços urbanos e habitantes não locais economicamente mais capazes) e os novos bairros (ocupados por famílias nativas “expulsas das áreas tradicionais e migrantes pobres recém-chegados). Esses bairros geralmente enfrentam toda sorte de problemas relacionados com crescimento rápido, irregularidade fundiária, falta de infra-estrutura e serviços e tensão social.

Outros fatores negativos são as possíveis mudanças em função da presença da atividade turística. Por exemplo, Ignarra (1999) observa que, sendo os rendimentos do turismo maiores que os das atividades agrícolas, há uma tendência de os agricultores deixarem, gradualmente, essas atividades de lado e se concentrarem na atividade turística. Isto causa um outro impacto negativo observado em muitas destinações turísticas, que é a dependência econômica exclusiva do turismo, dependência esta que pode levar a comunidade a sofrer graves problemas de desemprego em decorrência da sazonalidade da atividade.

2.4.2 Impactos físicos-ambientais

A realização de toda atividade econômica implica na utilização dos recursos e, conseqüentemente, o entorno da região onde esta se encontra ficará necessariamente afetado. Dessa forma, há uma crescente preocupação em se avaliar os impactos do turismo sobre o meio ambiente. Essas preocupações estão centradas especialmente no processo de degradação que pode afetar os recursos naturais que são utilizados no desenvolvimento destas atividades e a irreversibilidade deste processo (OMT, 1998).

Segundo Lickorish & Jenkins (2000), a relação entre meio ambiente e turismo é muito próxima, já que muitos recursos do meio ambiente são atrações turísticas. Assim, estes relacionamentos devem ser compreendidos para um melhor gerenciamento dos recursos. Alguns autores, como Ignarra (1999), ilustram essa relação citando alguns possíveis impactos físicos-ambientais da atividade turística, que são:

- a concentração de hotéis, restaurantes e casas secundárias que interferem na paisagem local (existem inúmeros exemplos de desenvolvimento urbano não integrados à paisagem, com sobreposição de edifícios com estilos

arquitetônicos diferentes, que não seguem as formas habituais das áreas receptoras e as tradições urbano-arquitetônicas da zona) (OMT, 1998);

- despejo de esgoto no mar ou nos rios faz com que a qualidade da água se torne inadequada para o banho, podendo provocar inúmeras doenças;

- às vezes, a concentração dos serviços turísticos é tão grande que chega a influir no microclima local;

- trilhas em áreas de cobertura vegetal natural, muito utilizadas, acabam destruindo a flora e a fauna;

- a proliferação de atividades desportivas pode afetar a tranquilidade do entorno, ocasionando graves problemas de erosão (OMT, 1998);

- pesca recreacional intensiva e fora dos períodos ideais.

- o aumento na demanda por água pode afetar o desenvolvimento agrícola e o equilíbrio ecológico de uma área.

Entre os impactos positivos, OMT (1998) aponta que o turismo pode revalorizar todo o entorno natural de uma área. Segundo Mathieson & Wall (1982), é difícil determinar o grau de responsabilidade do turismo na adoção de medidas de conservação, mas estes autores afirmam que a atividade turística exerce um importante papel nesse sentido.

A restauração e a preservação de edifícios e lugares históricos também foram apontadas como estreitamente relacionadas com a atividade turística. Além disso, o turismo tem sido responsável pela introdução de iniciativas de planejamento com o objetivo de manter e controlar a qualidade ambiental.

2.4.3 Impactos sócio-culturais

Segundo Ignarra (1999), o turismo cultural abrange todos os aspectos das viagens pelos quais o turista conhece a vida e o pensamento da comunidade receptora.

As formas de uma localidade turística se apresentar são os fatores culturais, como, por exemplo, a arte, a dança e a música, o artesanato a comida típica, o folclore, a agricultura tradicional da região, as manifestações religiosas e a história da comunidade local.

Baseado nos estudos de De Kadtz, a OMT (1998) afirma que o encontro de turistas e residentes se dá em três contextos principais:

- quando um turista compra um bem ou serviço;
- quando ambos compartilham os mesmos espaços físicos e
- quando ambos trocam idéias e informações.

No entanto, mesmo quando o contato entre turistas e residentes não é tão intenso, apenas a observação do comportamento dos visitantes pode induzir as mudanças de atitude, valores e comportamentos por parte dos moradores (OMT, 1998).

Alguns autores afirmam que, dependendo do tipo de turista que visita a região, o impacto social será mais ou menos intenso. A magnitude dos impactos dependerá das características dos turistas e das diferenças sócio-culturais existentes. Segundo Plog (1973), os turistas podem se classificar em aloccêntricos e psicocêntricos. Segundo este autor, o grupo dos aloccêntricos sente-se atraído por novos destinos e pode adaptar-se aos costumes locais. Já os psicocêntricos não se aventuram por lugares desconhecidos, não se adaptam aos costumes das regiões que visitam e necessitam de uma grande infra-estrutura turística. Geralmente, os aloccêntricos têm maior poder aquisitivo e, segundo o autor, os psicocêntricos têm maior probabilidade de causar impactos mais significativos.

Um impacto social positivo que o turismo normalmente traz consigo é a melhoria em infra-estrutura, como comunicação, instalações sanitárias, entre outras, já que a qualidade da experiência turística depende não só das atrações principais, como também da infra-estrutura e facilidades oferecidas (OMT, 1998).

Um outro ponto positivo é o interesse que o turismo estimula nos residentes pela própria cultura, por suas tradições e costumes, pelo seu patrimônio histórico e artístico. Além disso, o turismo estimula trocas sociais positivas na comunidade, possibilitando o intercâmbio cultural, aumentando a compreensão e o respeito a diferentes culturas e formas de vida (OMT, 1998).

Um importante impacto cultural negativo diz respeito à especialização na recepção de turistas, fazendo com que as manifestações culturais sejam produzidas exclusivamente para serem mostradas aos visitantes (Ignarra, 1999). Outros impactos negativos relevantes são:

- a alteração do modo de vida local;
- a aculturação (este fenômeno pode afetar muitos lugares em que a cultura do turista é percebida pelos residente como superior a cultura local);
- a alteração de valores culturais tradicionais;
- a arquitetura também pode se transformar a partir de uma demanda turística.

A OMT (1998) ressalta que determinados tipos de turismo, como o turismo de massa, não permitem a existência de um verdadeiro intercâmbio cultural entre visitantes e residentes, por favorecerem a difusão de imagens estereotipadas sobre determinados países e seus habitantes.

Gonçalvez (2001) destaca que a palavra “massa” evoca um acúmulo de pessoas num determinado local, causando o seu saturamento e, conseqüentemente, estimulando o desenvolvimento de viagens “alternativas”. Assim, em contraposição ao turismo de massa, surgiu, principalmente a partir da década de 1980, uma série de segmentos alternativos de turismo (entre eles o turismo rural e o ecoturismo). No entanto, apesar de ser realizado em menor escala, este tipo de turismo também é um turismo mercantilizado, em que tudo

vira mercadoria, sejam a natureza, as festas e costumes tradicionais ou o modo de vida camponesa.

2.5 Ecoturismo

O ecoturismo é um tema novo que tem recebido diferentes tratamentos teóricos ainda com poucas conclusões que traduzam os projetos amplos para os quais se propõe (Alencar & Barbosa, 2000).

Apesar disso, existem definições e recomendações que orientam políticas de implantação dessa modalidade de turismo. De acordo com Vitorino (2000), a associação “The Ecotourism Society” define ecoturismo como sendo uma viagem responsável a áreas naturais, que visa a preservação do meio ambiente e o bem-estar da população local. Esta autora acrescenta que, em 1994, um grupo multidisciplinar formado por representantes dos mais diversos segmentos do setor governamental e privado analisou e estabeleceu bases para a implantação de uma política nacional de ecoturismo, de forma a assegurar:

- à comunidade: melhores condições de vida e benefícios;
- ao meio ambiente: uma poderosa ferramenta na valorização dos recursos naturais;
- à nação: uma fonte de riquezas, divisas e geração de empregos;
- ao mundo: a oportunidade de conhecer e utilizar o patrimônio natural dos ecossistemas para onde convergem a economia e a ecologia, para o conhecimento e uso de gerações futuras.

Vitorino (2000) ressalta que, como resultado deste encontro, foram traçados objetivos, ações e estratégias a serem desenvolvidos, além da conceituação do ecoturismo como sendo:

(...) o segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio cultural e natural e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do meio ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (Brasil, 1994, citado por Vitorino, 2000, p. 70).

Para a OMT (2003), o ecoturismo é uma forma de turismo baseada na natureza, com grande ênfase na conservação do meio ambiente, incluindo a diversidade biológica, os sistemas de vida selvagem e ecológicos, ressaltando a importância da educação do turista quanto ao meio ambiente e ao modo de conservá-lo. As áreas de ecoturismo incluem comunidades, especialmente de povos tradicionais e o plano de ecoturismo precisa estudar as formas de conservar as tradições e as identidades culturais locais e o modo de levar benefícios a estas comunidades.

Wearing & Neil (2001) entendem o ecoturismo como um turismo interpretativo, de mínimo impacto, discreto, em que se busca a conservação, o entendimento e a apreciação do meio ambiente e das culturas visitadas. Incentiva a educação e a consciência ambiental, social e cultural por meio de visita e vivência da área.

Pode-se perceber, por meio dessas considerações, que as preocupações fundamentais do ecoturismo incluem a degradação ambiental, o impacto sobre as comunidades locais e a necessidade de se estabelecer um gerenciamento turístico de alta qualidade para garantir o turismo sustentável. Por conseguinte, para que haja sustentabilidade, é necessária a elaboração de diretrizes e a implantação de um plano diretor estruturado, documentando os desejos e especificando os limites do turismo aceitável e desejado.

Entre as sugestões encontradas no Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável (OMT, 2003) para o planejamento do ecoturismo estão :

- estabelecimento de padrões de capacidade de carga;
- medidas rigorosas de conservação da área natural;

- desenvolvimento de um centro de recepção ao visitante, com exposições sobre o local e sobre as técnicas locais de conservação;
- preparação e distribuição de códigos de conduta e o monitoramento e a aplicação destes códigos;
- disponibilizar guias de viagem bem treinados, que possam oferecer informações exatas aos turistas, educá-los quanto a diversidade biológica e às técnicas de conservação e observar medidas conservacionistas adequadas durante os passeios;
- integrar as comunidades locais à atividade turística.

No entanto, encontrar o equilíbrio entre os interesses econômicos que o turismo estimula e um desenvolvimento da atividade que preserve o meio ambiente não é tarefa fácil, principalmente porque seu controle depende de critérios e valores subjetivos e de uma política ambiental e turística adequada, o que, de acordo com Ruschmann (1992), ainda não está presente no Brasil e em vários outros países.

Vários autores, entre eles Wearing & Neil (2001), destacam que o ecoturismo encontra-se no estágio de crescimento de seu ciclo de negócios e sua popularidade permanecerá em expansão enquanto continuarem prosperando questões a respeito de congestionamentos e superlotações de cidades, poluição do ar, estresse relacionado ao trabalho e destruição do meio ambiente.

2.6 Desenvolvimento

Da mesma forma que o turismo passa a ser visto numa dimensão mais ampla, os teóricos que discutem o desenvolvimento também passam a questionar seus custos sociais e ambientais. Este tópico irá abordar diferentes visões sobre

este tema, demonstrando sua amplitude e interatividade com as transformações da sociedade.

2.6.1 Desenvolvimento: conceitos e contextualização histórica

O termo desenvolvimento começou a ser empregado quando se percebeu que progresso, crescimento e expansão não eram inerentes a toda sociedade e as sociedades que detinham estas características passaram a ser consideradas desenvolvidas. Tornaram-se, então, necessárias a injeção de capital externo e a criação de pólos de desenvolvimento para que sociedades consideradas “não desenvolvidas” passassem à “etapa de decolagem” (Castoriades, 1987).

Apesar da fome e de outros problemas sociais que eram realidade cotidiana para uma grande parte do planeta e, principalmente, para os países do terceiro mundo que não se desenvolviam, a grande questão consistia em fazer com que estes países se desenvolvessem e isto significava torná-los capazes de entrar na fase do crescimento (Castoriades, 1987). Até a II Guerra Mundial, foi instaurada uma dinâmica de progresso material que repousava sobre o progresso econômico e, até a década de 1960, o desenvolvimento é referência de crescimento (Caliari, 2002).

Esta ideologia logo foi questionada

(...) não porque ele seria incapaz de assegurar o crescimento, nem porque distribuía desigualmente os frutos do crescimento, mas porque ele apenas se preocupava com o crescimento e promovia apenas o crescimento acarretando conseqüências humanas e sociais (Castoriades, 1987, p. 136)

Hoje sabe-se que as taxas de crescimento econômico são um indicador deficiente do desempenho da sociedade e, apesar de ser difícil o desenvolvimento sem crescimento econômico, idênticas taxas de crescimento

podem levar tanto ao desenvolvimento como ao mal desenvolvimento (Sachs, 1986).

Nem mesmo o crescimento do período chamado por Hobsbawm (1995) de “Anos Dourados” (década de 1950), marcado pela rápida expansão econômica, foi suficiente para melhorar as condições de vida para todos; pelo contrário, as diferenças foram cada vez mais acentuadas.

“ Na década de 1960, o modelo de desenvolvimento baseado no crescimento econômico a qualquer custo apresenta, segundo Di Filippo (2002), seus primeiros efeitos indesejáveis. Entre eles, a deterioração da qualidade da água e do ar e o acúmulo dos resíduos sólidos. Tal situação gerou também novas reflexões sobre a degradação ambiental, originadas pelo modelo hegemônico de desenvolvimento. Tem início, então, o questionamento do preço que os seres humanos tinham de pagar pelo crescimento e novas entidades foram criadas para cuidar de aspectos relacionados à qualidade de vida (Castoriades, 1987).

Na década de 1960, as discussões acerca da degradação ambiental crescem motivados por uma série de eventos relacionados com meio ambiente e ganham, na década seguinte, certa intensidade.

O Clube de Roma é criado e, mais tarde, Meadows e colaboradores publicam o livro “Limites do crescimento”. Segundo Brüseke (1995), esses autores defendiam que, para alcançar a estabilidade econômica e ecológica, seria necessário o congelamento do crescimento da população global e do capital industrial. Andrade (2000) acrescenta que, no livro, Meadows et al. mostram que o consumo crescente da sociedade, imposto pelo crescimento humano exponencial, levaria a humanidade ao colapso.

Brüseke (1995) afirma que a tese do crescimento zero significava um ataque direto à filosofia do crescimento contínuo da sociedade industrial e uma crítica indireta a todas as teorias do desenvolvimento industrial que nela se baseavam.

Além das críticas à tese de Meadows e colaboradores, feitas pelos teóricos que se identificavam com a teoria do crescimento, surgiu uma outra tese baseada na idéia de que as sociedades ocidentais, depois de um século de crescimento acelerado, fecharam este caminho de desenvolvimento para os países pobres, justificando esta prática com uma retórica ecologista (Brüseke, 1995)

Sachs (1986) argumenta que a defesa de uma taxa de crescimento zero é politicamente inviável em sociedades desiguais. Este autor afirma que esta proposta confunde dois problemas bem distintos: a taxa de crescimento e a taxa de exploração da natureza.

“A consciência ambiental então adquirida (décadas de 1960 e 70) trouxe a necessidade de se estabelecerem processos de desenvolvimento em base sustentável e, na conferência de Estocolmo, em 1972, surgiu pela primeira vez o conceito de ecodesenvolvimento como uma alternativa à política tradicional de desenvolvimento (Andrade, 2000; Brüseke, 1995).” Em 1973, Ignacy Sachs ampliou este conceito que tem como base justiça social, eficiência econômica e prudência ecológica.

Sachs (1986) destaca que uma estratégia de desenvolvimento sócio-econômico a longo prazo e ecologicamente consciente deve aspirar à minimização das retiradas sobre os estoques de recursos não renováveis e sugere padrões alternativos de crescimento organizados e instrumentalizados, de maneira a minimizar os impactos ecológicos negativos e o uso dos recursos exauríveis. Para este autor, o desafio consiste na redefinição das formas e usos do crescimento e não na desistência do crescimento. Também aponta-se a necessidade de se estabelecerem processos de desenvolvimento em base sustentável, ressaltando que esta tarefa exige uma gestão ecologicamente prudente dos recursos cuja renovação seja limitada.

Brüseke (1995) faz um síntese dos princípios básicos desta nova visão de desenvolvimento:

- solidariedade com as gerações futuras;
- participação da população envolvida;
- preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral;
- elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas;
- programas de educação.

Sachs (1986) também destaca a importância de se explorar padrões alternativos de desenvolvimento, ressaltando a necessidade de se considerar os contextos sociais e culturais específicos e destacando a importância da criatividade para encontrar caminhos alternativos e não “imitativos”. Segundo este autor, a experiência mostra que o mal desenvolvimento está frequentemente associado ao crescimento imitativo, ou seja, à tentativa de reprodução do caminho histórico trilhado por países presentemente industrializados. O autor também encara o desenvolvimento como um processo de aprendizagem da sociedade orientado para a identificação e satisfação, em base sustentável, de necessidades humanas materiais e não materiais, social e culturalmente determinadas.

Andrade (2000) ressalta que, ao preconizar esta nova relação homem-sociedade-natureza, baseada em novos valores, a racionalidade do sistema social é questionada, abrindo espaço para um processo de “descentralização econômica e de auto-gestão comunitária de recursos”.

Brüseke (1995) constata que os debates sobre ecodesenvolvimento prepararam a adoção posterior do desenvolvimento sustentável. Esse autor ressalta que Sachs usa hoje os conceitos ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável como sinônimos.

2.6.2 Desenvolvimento sustentável

No final da década de 1980, começou a se consolidar a necessidade de um novo estilo de desenvolvimento, mais humanizador. Assim, surgiu um dos mais importantes documentos da década (Andrade, 2000). O Relatório Brundtland (ou Nosso Futuro Comum) é o resultado do trabalho da Comissão Mundial da ONU Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Segundo este relatório, o desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das futuras gerações também satisfazerem suas próprias necessidades.

O conceito de desenvolvimento sustentado neste relatório tem três vertentes principais: crescimento econômico, equidade social e equilíbrio ecológico (Amâncio & Gomes, 2001). Brüseke (1995) sintetiza uma lista de medidas a serem tomadas pelo Estado nacional. Entre elas:

- limitação do crescimento populacional;
- garantia de alimentação a longo prazo;
- preservação da biodiversidade e dos ecossistemas;
- diminuição do consumo de energia e desenvolvimento de tecnologias que admitem o uso de fontes energéticas renováveis;
- aumento da produção industrial nos países não industrializados;
- controle da urbanização selvagem e integração entre campo e cidades menores;
- as necessidades básicas devem ser satisfeitas;
- as organizações do desenvolvimento devem adotar as estratégias de desenvolvimento sustentável;
- a comunidade internacional deve proteger os ecossistemas supranacionais, como a Antártica, os oceanos, o espaço;
- guerras devem ser banidas;

- a ONU deve implantar um programa de desenvolvimento sustentável.

Segundo Brüseke (1995), este relatório mostra um certo grau de realismo, no entanto, se comparado com as discussões anteriores, ele diminui bastante a crítica à sociedade industrial. O autor acrescenta que o relatório Bruntland define o consumo mínimo mas é omissivo em relação ao nível máximo de consumo nos países industrializados. Além do mais, torna a superação do desenvolvimento no hemisfério sul dependente do crescimento contínuo nos países industrializados.

Outra crítica se deve ao fato de este relatório querer o crescimento tanto nos países não-industrializados quanto nos países industrializados (Brüseke, 1995), o que, de acordo com Alier (1998), poderia agravar a degradação ambiental.

Alvater (1995) ressalta que quem pretende se ocupar hoje com a dinâmica do desenvolvimento econômico no futuro precisa levar em conta as condições iniciais dos contextos. Para este autor, mesmo que os países conseguissem realizar o crescimento econômico visualizado pelo Relatório Bruntland, o desnível cresceria, pois, “um crescimento de 3% representa 595 dólares por ano nos EUA, cinco vezes mais do que o PNB per capita nos países mais pobres”.

Alvater (1995) acrescenta, ainda, que qualquer estratégia de desenvolvimento traz conseqüências para o meio ambiente em todas as partes do mundo, pois os recursos naturais, uma vez utilizados, não estarão disponíveis uma segunda vez, já que o meio ambiente é limitado e a capacidade das biosferas e das esferas abióticas também.

Para que haja desenvolvimento sustentável, Sergio Buarque (1999) destaca a necessidade de uma perspectiva multidimensional. De acordo com Jara (1998), o desenvolvimento deve ser visto como:

“um processo de mudança e elevação das oportunidades da sociedade, compatibilizando no espaço e no tempo, o crescimento e a eficiência econômicos, a conservação ambiental, a qualidade de vida e a equidade social” (Jara, 1998, p. 48).

Certamente, o relatório Brundland foi um grande avanço, mas parece deixar de fora questões essenciais difíceis de serem solucionadas. Ao mesmo tempo, deve ser considerada a dificuldade de se colocar em prática teorias alternativas para um desenvolvimento que abranja todas as suas dimensões. A seção seguinte discute outra teoria que tenta dar conta desta difícil tarefa enxergando o desenvolvimento sob diferentes dimensões e mostrando uma visão multifacetada e integrada de desenvolvimento.

2.6.3 O desenvolvimento como liberdade

O economista Amartya Sen apresenta a perspectiva do desenvolvimento como um processo de expansão das liberdades dos indivíduos. Este autor faz uma abordagem ampla integrando considerações econômicas, sociais e políticas, tendo como premissa a importância da liberdade humana em geral e da condição do agente como sujeito ativo de mudança e não só como receptor passivo de benefícios (Cheves, 2003)

Sob esta perspectiva, o desenvolvimento está relacionado sobretudo com a melhoria da qualidade de vida das pessoas e da expansão das liberdades que desfrutamos. Nesse sentido, esta visão se concentra no modo como as pessoas vivem e não apenas nos recursos ou na renda de que elas dispõem, apesar do aumento da renda ser muito importante como meio de expandir outros tipos de liberdade.

Para Sen (2000), o desenvolvimento deve remover as principais fontes de privação de liberdade: pobreza, carência de oportunidades econômicas, intolerância ou interferência excessiva de Estados repressivos. O autor

acrescenta que as liberdades não são apenas os fins primordiais do desenvolvimento, mas também os meios principais, denominando-os respectivamente de “papel constitutivo” e “papel instrumental”. Assim, Sen coloca cinco tipos distintos de liberdade, vistos sob uma perspectiva instrumental. São eles: liberdades políticas, facilidades econômicas, oportunidades sociais, garantias de transparência e segurança protetora. Na visão do desenvolvimento como liberdade, as liberdades instrumentais se ligam umas às outras e contribuem com o aumento da liberdade humana em geral.

Ter mais liberdade significa melhorar o potencial das pessoas para cuidarem de si mesmas e para influenciarem o mundo propiciadas pela condição de agente com o sentido de alguém que age e ocasiona mudança. A expansão da liberdade gera condições para o surgimento de sujeitos conscientes que interagem e influenciam o contexto em que vivem. Assim, a questão da participação também é considerada fundamental “para alguns dos problemas básicos que têm minado a força e o alcance da teoria do-desenvolvimento” (Sen, 2000).

Como aponta Abramovay (1998), esta visão coloca ênfase na ampliação do horizonte da vida das pessoas sem desprezar a base material do processo de desenvolvimento.

2.6.4 Desenvolvimento local

A definição de desenvolvimento local (DL) também é ampla e controversa. Lima (2000) afirma que sob este conceito originam-se diversas concepções, projetos e experiências, que vão desde enfoques tradicionais (que acreditam que o caminho para o DL está no crescimento econômico via atração de investimentos externos) até concepções mais recentes (em que são consideradas as especificidades do local).

Lima (2000), fundamentada no trabalho de Arocema² evidencia uma multiplicidade de noções e explica que não há uma única teoria sobre DL, mas sim teorias que “divergem acerca do entendimento do termo desenvolvimento e que diferem entre si na forma de considerar o local”. A autora destaca três concepções teóricas que dominam os estudos sobre desenvolvimento. A primeira delas é o evolucionismo, segundo o qual “(...) o desenvolvimento local, deve se dar a partir do conhecimento do ponto de chegada, do ponto ao qual se pretende evoluir” (Lima, 2000, p. 163) De acordo com a teoria evolucionista, a dimensão local oferece empecilhos à introdução de técnicas promotoras do desenvolvimento, já que estas enfrentam resistências impostas pelas tradições de caráter local (Lima, 2000). A segunda destas teorias aborda o enfoque historicista, segundo o qual

(...) é na história de cada local que os atores devem procurar suas proposições para o futuro, assim, o êxito do processo de desenvolvimento depende da capacidade de os atores aprenderem as especificidades locais e utilizarem-na como respostas ao desafio do desenvolvimento (Lima, 2000, p. 163)

O pensamento historicista foca as peculiaridades locais e, por isso, é oposto à simples adaptação de propostas de uma sociedade global padronizada. Por último, o autor fala sobre a teoria estruturalista, na qual o desenvolvimento é visto como um “processo sistêmico e com componentes estruturais interdependentes” (Lima, 2000, p. 164).

Moura et al. (1999) fazem uma contextualização histórica dos processos de desenvolvimento local. Segundo estes autores até meados da década de 1970 a concepção de desenvolvimento local estava atrelada a uma visão regional de desenvolvimento. Nesta concepção, as políticas públicas em prol do

² Arocema, J. Los paradigmas del desarrollo y lo “local”. In: Cuadernos del CLAHE. Montevideo: CHAE, n. 41, p. 5-21, 1988.

desenvolvimento eram comumente elaboradas pelos governos centrais que orientavam-se segundo uma lógica redistributiva e compensatória, buscando corrigir os problemas de distribuição de renda nas diferentes regiões. Essa forma de desenvolvimento local ocorria “de dentro para fora” ou “de cima para baixo” em conformidade com a centralização política da época em questão.

As mudanças no contexto mundial fizeram com que a gestão e a percepção de desenvolvimento local fossem voltadas para o próprio local, para os seus próprios problemas, agentes e peculiaridades (Lima, 2000). Nesse sentido, autores como Moura et al. (1999) argumentam:

Na visão dos teóricos do desenvolvimento local, o sucesso da gestão local do desenvolvimento depende, em parte, do poder de mobilização e de engajamento de seus agentes sociais e da capacidade demonstrada por eles para pensar o local de forma integral, para que os recursos produtivos sejam valorizados e transformados em vantagens competitivas efetivas (Moura et al., 1999, p. 121)

Atualmente, apesar da multiplicidade de enfoques acerca do DL, Moura (1998) identifica duas correntes sobre a gestão do desenvolvimento econômico que predominam na literatura. Elas se distinguem devido às diferenças existentes nas concepções de DL que guiam e sustentam suas ações; são elas as vertentes competitiva e social.

Basicamente, essas duas vertentes de análise visam a potencialização da economia, diferenciando-se em função da concepção de cada uma delas. Para a linha competitiva, o desenvolvimento da economia “coincide com o bom desempenho da cidade na competição interurbana dentro do mercado mundial, pois assim se atraem recursos externos, reforçando a economia local” (Lima, 2000, p. 170). Esta corrente delega ao governo o papel de agente empreendedor na busca de vantagens competitivas.

A vertente social tem como finalidade melhorar as condições de vida dos habitantes de um local, com ênfase no combate à exclusão social. A essência das propostas desta vertente situa-se na potencialização dos pequenos agentes econômicos locais (cooperativas, microempresas, empresas domésticas, auto-emprego), com vistas à geração de emprego e renda, como forma de combate à exclusão social (Lima, 2000).

A mesma autora afirma que essas duas linhas de pensamento têm várias características em comum. Entre elas, o papel do governo local como agente aglutinador/articulador de forças e interesses, a importância da participação da sociedade civil e a ênfase dada ao desenvolvimento das capacidades internas ao próprio local.

Para estas duas abordagens, as localidades são vistas como agentes de transformação e não como simples suportes, como da maneira mais usual, e a exploração das capacidades locais é tida como o meio capaz de produzir o crescimento da região, apoiando-se nas teorias sobre o crescimento endógeno.

O potencial do desenvolvimento endógeno, segundo Di Filippo (2002), está diretamente relacionado com a capacidade cultural de pensar em si mesmo e de inovar e com a capacidade político-administrativa de tomar decisões autônomas e de organizar sua execução em conformidade com os objetivos sociais do desenvolvimento e isso exige um ambiente democrático e participativo.

Sachs (1986) também destaca a importância de se buscar o desenvolvimento endógeno, contar com suas próprias forças, refletir sobre as especificidades de cada situação e articular os esforços em torno das aspirações por um maior bem-estar, dignidade e justiça social.

Jara (1998) ressalta que deve ser explorada a dimensão local do desenvolvimento como espaço de articulação entre economia, cultura e sociedade, na construção de relacionamentos solidários para a sociedade

sustentável, já que o padrão de crescimento e abertura que vem sendo usado pelos organismos internacionais e pelos países industrializados vem acompanhado de uma colonização e manipulação do nosso mundo interno e revelando um esquema difícil de ser mudado. Esse autor ressalta que a facilidade de circulação de idéias e referências culturais no mundo não é necessariamente construtora de uma cultura universal. Assim, segundo esse autor, a transição para uma sociedade sustentável é uma tomada de consciência que começa na mudança interna das pessoas, no sentimento de solidariedade e no amor político pela sociedade. Um pacto do homem com todos os demais seres e com a natureza (Jara, 1998).

2.7 Capital social: aplicações para o desenvolvimento sustentável

Recentemente, foi introduzido na literatura o conceito de um novo tipo de capital que tem ajudado a entender melhor a performance econômica de nações, regiões ou grupos. Trata-se do chamado capital social, tema que tem despertado grande interesse de teóricos do desenvolvimento (Fernandes, 2001).

Robert Putman é o autor mais citado no debate recente sobre este tema e é quem sistematiza de forma mais completa e coerente a perspectiva do capital social. Segundo Putnam (1996), capital social refere-se a aspectos da organização social, tais como redes, normas e confiança.

Putnam (1996), em seu trabalho sobre a Itália Moderna, destaca a importância de diversos elementos institucionais responsáveis pelos diferentes níveis de desenvolvimento do Sul e do Norte da Itália, mesmo com ações políticas semelhantes em ambas as regiões. O autor aponta as diferenças notadamente no fato de que, por dez séculos, a região Norte desenvolveu regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica por meio de sociedades de

mútua assistência, cooperativas e sindicatos de nível horizontal, enquanto que, no Sul, a estrutura é vertical e pouco cívica. Assim, as diferenças são profundas e difíceis de serem minimizadas, pois “o contexto social e a história condicionam profundamente o desempenho das instituições” (Putnam, 1996, p. 191).

Chevez (2003) divide em quatro categorias as abordagens encontradas nos debates recentes a respeito do capital social.

- *o capital social como um atributo individual*: envolve a capacidade de cooperação e confiança, bem como a capacidade dos agentes em resolver conflitos;
- *o capital social como associações e normas cooperativas que geram benefícios coletivos*: encontrada na abordagem feita por Putnam (1996);
- *capital social como redes de conexões*. Essa linha de pesquisa orientou o trabalho de Coleman (1990). Segundo esse autor o conceito de capital social está relacionado aos “recursos sócio-estruturais que constituem um ativo de capital e que facilitam certas ações dos indivíduos que estão dentro desta estrutura”;
- *capital social como ambiente institucional*: aqui incluiria-se a qualidade do governo, do sistema jurídico e a garantia de liberdades políticas e civis dos indivíduos e o Estado de Direito (Chevez, 2003)

Para Jara (1998), os relacionamentos de confiança, reciprocidade e cooperação, sem dúvida, facilitam processos de mudança social e desenvolvimento humano, gerando sustentabilidade e enriquecendo o tecido social. Um exemplo disso é o trabalho de Coleman, citado por Fernandes (2001), mostrando que duas ou mais comunidades com as mesmas características podem ser distintas no que tange ao desempenho de seus membros na existência de capital social, ou seja, a existência de laços de confiança e reciprocidade que tornarão possível a mobilização dos indivíduos para a ação coletiva.

No entanto, Chevez (2003), destaca que o uso deste conceito tem gerado inúmeras críticas entre os estudiosos, principalmente no que se refere à tendência de tratar os laços de confiança e de cooperação como “capital”.

Para Jara (1998), o que é percebido como capital social depende da cultura, das tradições e da estrutura que se observa, além das bases éticas e morais compartilhadas entre as pessoas destacando, principalmente, que este conceito deve ser pensado sob o ponto de vista das populações mais necessitadas e também da natureza agredida. Para este autor, capital humano e social só para fazer dinheiro, para continuar subjugando a natureza, querendo conhecimento apenas para o serviço da rentabilidade e do crescimento ilimitado, só aumenta as desigualdades, continuando a quebrar os sistemas ecológicos. Segundo Jara (1998)

os sistemas de valores e ética não são dimensões periféricas aos processos de desenvolvimento. Constituem sua essência e energia propulsoras. São os valores e os sentimentos as energias que moldam nossas emoções, as forças espirituais e políticas que possibilitam construir os relacionamentos de confiança e reciprocidade. Eles constituem os elementos invisíveis dos conceitos de capital social e humano. Somos desafiados a construir essas novas energias valorativas, novas alianças e coalisões, passando da confiança competitiva para a confiança da justiça e cooperação, indo do crescimento interior individual para a solidariedade coletiva. (Jara, 1998).

Assim, evidencia-se que políticas de desenvolvimento local poderiam se utilizar do conceito de capital social e suas implicações, principalmente reconhecendo que diferentes regiões carregarão consigo diferentes estoques de capital social e capacidades distintas de parcerias entre os atores.

2.8 Convergências nas propostas atuais de turismo e desenvolvimento

A revisão de literatura realça a necessidade de buscar formas de desenvolvimento e de turismo mais humanas, pautadas em bases sustentáveis, além de apontar a necessidade de consideração das diversas dimensões destes dois fenômenos. Realça também o caráter de fenômeno social do turismo, envolvendo a prestação de serviços em estreita relação com meio ambiente e capaz de produzir impactos com dimensões positivas ou negativas de natureza físico-ambiental, econômica e cultural, demonstrando que tais impactos demandam formas de planejamento que produzam ações voltadas para potencializar as suas dimensões positivas e neutralizar as negativas.

A análise do referencial revisto aponta a possibilidade de transformar o potencial turístico em um instrumento de desenvolvimento econômico e social sustentável, à medida que o ecoturismo propõe o crescimento econômico, o aumento do grau de liberdade das populações receptoras, bem como o aproveitamento das potencialidades e especificidades locais. Além disso, o ecoturismo introduz a necessidade de sustentabilidade requerida como alvo principal e indispensável aos modelos atuais de desenvolvimento visando à garantia de uma vida com dignidade e o direito à cidadania plena.

A revisão de literatura também demonstra a importância da participação, bem como o papel dos atores como agentes conscientes e com grande importância neste processo de transformação da sociedade. A Figura 1 procura retratar, de forma esquemática, a estreita relação entre ecoturismo e as concepções de desenvolvimento aqui discutidas.

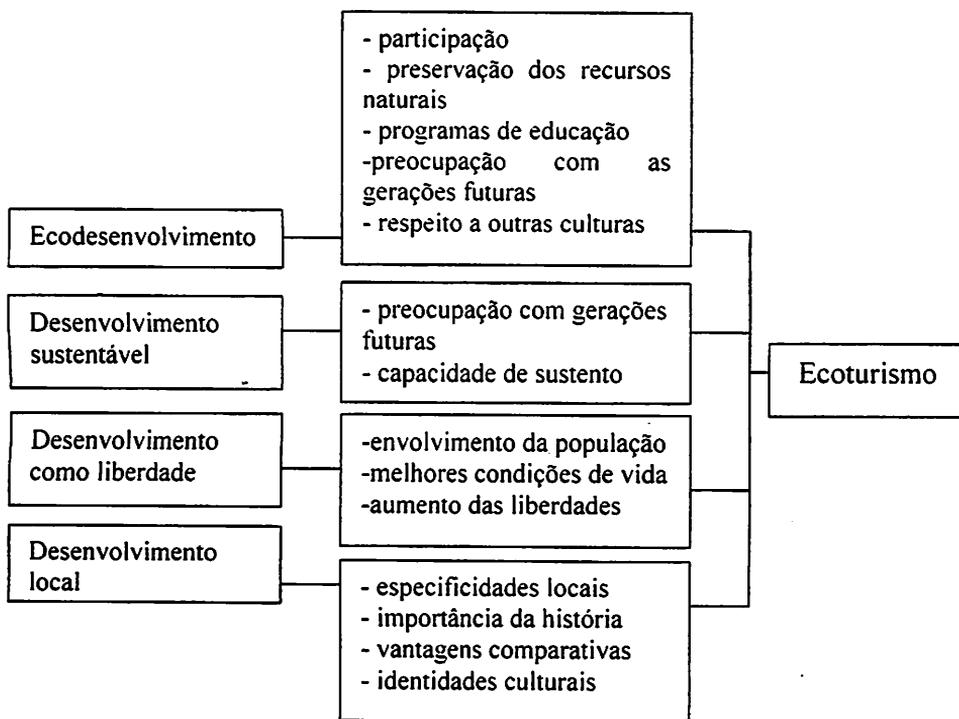


FIGURA 1: Convergências nos discursos de desenvolvimento e ecoturismo

Fonte: dados de pesquisa

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS, ÁREA DE ESTUDO E MÉTODOS DE PESQUISA

O *locus* desta pesquisa, como já observado, é o município de Carrancas, MG, o que define este trabalho como um estudo de caso. Todavia, deve-se observar que, para teóricos da abordagem qualitativa, por exemplo Stake (1994), o estudo de caso não é, em si, uma escolha metodológica, mas a escolha de um objeto a ser estudado, no “caso”, o turismo, na perspectiva de atores sociais localizados nesse município. Portanto, o estudo está voltado para uma realidade específica circunscrita a Carrancas e não visa generalizar os seus resultados para outros contextos, embora suas conclusões possam inspirar a formulação de questões para pesquisas em outros cenários sociais³.

Tais colocações põem em relevo a necessidade de discorrer, ainda que de forma sumária, sobre as características gerais dos paradigmas básicos das ciências sociais. A exposição dessas características ajuda a compreender melhor o escopo dos objetivos deste estudo e a lógica em que se fundamentam a coleta e a análise das informações.

3.1 Paradigmas de pesquisa em ciências sociais

Paradigma, na concepção de Guba & Lincoln (1994), representa o sistema básico de crenças ou visão de mundo que define para o pesquisador a natureza do mundo, situa os indivíduos no mundo e a gama de possíveis relações do mundo com suas partes. Ele guia o pesquisador não somente na escolha do

método, mas também dos fundamentos ontológicos e epistemológicos de sua pesquisa.

As formulações teóricas das ciências sociais estão assentadas em três grandes paradigmas: positivismo, conflito e interpretativo. Cada um deles possui uma modo específico de definir realidade (dimensão ontológica), de o pesquisador se posicionar frente ao objeto de pesquisa (dimensão epistemológica) e de o pesquisador proceder para encontrar o que ele acredita que pode ser conhecido (dimensão metodológica)⁴ (Jones, 1993; Guba & Lincoln, 1994).

Os paradigmas positivista e do conflito, também conhecidos como abordagens estruturais, enfatizam diferentes tipos de influências sobre o pensamento e o comportamento humano. Embora os dois paradigmas vejam a origem da vida social na influência ou determinação de fatores externos aos indivíduos, eles discordam a respeito de quais são estes fatores externos. O paradigma positivista dá primazia à influência da cultura (o que nós aprendemos a querer resulta da socialização). O paradigma do conflito, por outro lado, dá mais atenção ao conflito inerente às relações entre grupos desigualmente privilegiados na sociedade e considera que o conteúdo da cultura pode ser visto como um meio de perpetuar a desigualdade (Alencar, 2000).

Embora a abordagem interpretativa tente explicar os motivos pelos quais as pessoas se comportam de uma determinada maneira, tal explicação não repousa exclusivamente na influência de fatores externos aos indivíduos (“estrutura de valores e normas” e “desigualdade estrutural”). A essência da vida social, para esta terceira abordagem, é a habilidade que os seres humanos

³ As possibilidades de generalização de estudos de casos em ciências sociais e suas implicações são discutidas por diferentes autores como, por exemplo, Murray (1974), Patton (1990), Jones (1993), Yin (2001) e Alencar (2000).

⁴ No Anexo A encontram-se quadros esquematizando as dimensões ontológica epistemológica e metodológica dos paradigmas positivistas, do conflito e interpretativo.

possuem de examinar o que acontece à sua volta e então escolher como agir, à luz desta interpretação (Jones, 1993 ; Alencar, 2000).

Ontologicamente, nesta abordagem, a sociedade é entendida como uma construção dos seus membros, o que significa dizer que realidade social é formada por ocasiões de interação realizadas pelos atores sociais, uma vez que eles são capazes de interpretar o ambiente e, conseqüentemente, desenvolver ações significativas (Jones, 1993). Diante dessa concepção de realidade, o papel do pesquisador é o de interpretar o significado da ação desses autores, o que somente é possível quando se adquire conhecimento sobre os modos pelos quais os atores percebem o mundo e sobre os significados que sustentam as suas ações (Alencar, 2000). Como observa Jones (1993), isto requer do pesquisador uma postura epistemológica voltada para compreender as teorias dos atores sobre o seu mundo por meio de evidências qualitativas. Tendo em vista a especificidade de um cenário social, os pesquisadores qualitativos não buscam o estabelecimento de leis universais. O máximo que a concepção ontológica em que apoiam as suas idéias de sociedade permite é estabelecer padrões gerais de comparação entre distintos cenários, buscando traços comuns entre eles, o que Patton (1990) denominou análise *cross-case*.

O cientista social, ao projetar a sua estratégia metodológica, deve, ao contrário das abordagens estruturais, aproveitar a sua condição dupla de pesquisador e ator social criativo, isto é, ser capaz de interpretar, transformando o ato de pesquisar em uma interação social consciente, isto é, planejada (Jones, 1973). Todavia, o planejamento não deve assumir uma seqüência linear rígida, como a dos estudos voltados para a comprovação de hipóteses, pois poderiam, segundo Strauss & Corbin (1990), eliminar a possibilidade de descobertas. As hipóteses norteadoras ou questões de pesquisa são, de modo geral, provisórias e amplas, podendo ser alteradas no desenrolar do estudo cujo foco centra-se na perspectiva dos atores da ação. Para o desenvolvimento de estudos partindo da

abordagem interpretativa, os pesquisadores qualitativos desenvolveram métodos de coleta de informações que permitem uma maior proximidade com o objeto de estudo, tais como observação participante e não participante, entrevista semi-estruturada, entrevista focalizada, entrevista não-estruturada, história oral, história de vida, análise documental, triangulação de métodos, grupo de foco, entre outros⁵.

A partir da década de 1970, a abordagem qualitativa passou a fazer parte de estratégias de pesquisa nas áreas de marketing, avaliação de programas e projetos, pesquisas eleitorais, etc. A popularização deste método não significou uma aceitação generalizada dos princípios ontológicos que sustentam esta abordagem, uma vez que a perspectiva positivista ainda é dominante nessas e outras áreas das ciências sociais. Todavia, observam Laville & Dione (1999), o paradigma positivista perdeu a força que possuía até meados do século XX, na medida em que os cientistas sociais perceberam que os seus pressupostos não eram suficientes para explicar a complexidade do comportamento humano. Assim, ampliou-se o emprego de técnicas qualitativas, no início restritas aos limites dos estudos exploratórios, voltados para geração de hipóteses a serem testadas em futuras pesquisas⁶. Esta abertura legitimou o emprego das técnicas qualitativas, mas trouxe o problema de enquadrá-las nos princípios de representatividade e generalização, alheios aos pressupostos ontológicos da abordagem interpretativa. Assim, o caso deixou de representar o cenário de um estudo para ser visto como um método de pesquisa, desenvolvendo inclusive técnicas específicas para a identificação de casos ilustrativos, como sugere o trabalho de Yin (2001).

⁵ Os diferentes métodos de pesquisa qualitativa são discutidos pelos seguintes autores: Triviños (1987), Bogdan & Biklen (1994), Denzin & Lincoln (1994), Laville & Dione (1999), entre outros.

⁶ Exemplos recentes deste posicionamento são encontrados nos livros de Malhotra (2001) e Rea & Parker (2000).

Nesta pesquisa, o caso estudado circunscreve-se nos limites do município de Carrancas e a escolha deste município se deve, como foi observado, ao fato de se querer conhecer o significado que o turismo possui para diferentes segmentos de sua população. Não existe, portanto, a intenção de generalizar os seus resultados, embora o cruzamento de dados desta pesquisa com o de estudos semelhantes possa contribuir para identificação de traços específicos ou gerais do fenômeno turismo e inspirar futuros estudos. Tais comentários foram relevantes para esclarecer os propósitos centrais do estudo e delimitar o seu arcabouço teórico. Na próxima seção, serão apresentadas informações geográficas e históricas que caracterizam o *locus* do estudo.

3.2 A área de estudo

O município de Carrancas está situado na região Sul/Sudoeste do estado de Minas Gerais e pertence à microrregião do Alto do Rio Grande, formada por 26 municípios. Situada numa região de transição entre cerrado e mata atlântica, seu clima é tropical de altitude, caracterizado por verões amenos e úmidos e invernos secos, com temperatura média anual de 20 C.

Contam os antigos que o nome de Carrancas provém de uma formação rochosa na serra em formato de duas caras que se olham e que, vistas pelos que chegavam, foram denominadas carrancas (cara feia) (Amato, 1996). Algumas pessoas acreditam que estas formas são consequência da mineração. No entanto, Amato (1996) acredita que essa hipótese é pouco provável, tendo em vista que o ouro encontrado em Minas Gerais era de aluvião, ou seja, era retirado dos cascalhos no leitos dos rios.

Carrancas é uma cidade pequena, com uma população de quase 4.000 habitantes, sendo 2.258 residentes da zona urbana e os demais distribuídos em

uma área de 777 quilômetros quadrados. Desde o princípio do século XVIII, a população não mudou muito. O povo carranquense ainda conserva suas tradições e, como aponta recente pesquisa realizada, a maioria deles declarou ser bom ou ótimo morar em Carrancas (Melo, 2002). Os principais motivos apontados foram a tranquilidade da cidade, os laços de amizade e parentesco entre as pessoas e a presença de inúmeras cachoeiras. O fator negativo mais mencionado foi a insuficiência de empregos (41,67%).

A cidade foi fundada por bandeirantes paulistas que vinham de São Paulo em busca de riquezas em Minas Gerais, por volta de 1720. Seus primeiros habitantes eram, quase todos, paulistas e portugueses oriundos, em grande parte, da região do Minho e das ilhas pertencentes a Portugal (Amato, 1996).

A base da economia do município é a agropecuária. Amato (1996) acrescenta que o município de Carrancas está situado na microrregião considerada o berço da indústria de laticínios no Brasil. A fabricação de aguardente também merece ser mencionada, por ser umas das atividades mais antigas da região. Destacam-se também a extração de quartzito (pedra carranquinha) e o extrativismo de candeia (*Vanillosmopsis* sp). Recentemente, o turismo passou a ter um papel significativo na economia local (Melo, 2002)

O principal atrativo de Carrancas são as belezas naturais. No entanto, a cidade também dispõe de um importante acervo arquitetônico, como a igreja matriz, a igreja da Capela do Saco e várias fazendas centenárias.

A implantação do ecoturismo está no início e ainda há muito por se fazer para que a cidade possa receber seus turistas sem que a população local e o meio ambiente sejam prejudicados.

Hoje, Carrancas tem quinze pousadas, três campings, agências de turismo e, na administração municipal 2001/2004, foi criada a Secretaria de Turismo. Atualmente, só se chega a Carrancas por estradas de terra, e esta

limitação ajuda na preservação do meio ambiente, pois tende a afugentar pessoas que não possuem a intenção de entrar em contato com a natureza (Amato, 1996).

3.3 Seleção dos entrevistados

Os atores sociais pesquisados foram divididos em quatro grupos: poder público, empresários, donos de atrativos turísticos e população. Dessa forma, foram entrevistados, para formar o primeiro grupo, o prefeito, o secretário de turismo e uma representante regional do IBAMA.

O segundo grupo foi formado pelo setor privado. Neste bloco, foram agrupados os donos de pousadas e uma turismóloga proprietária de agência de turismo receptivo na cidade. Das quinze pousadas do município, cinco proprietários foram entrevistados de acordo com o seguinte critério:

- quanto à localização - dentro ou fora da cidade, e
- quanto à origem dos proprietários - nascidos em Carrancas ou não.

Dessa forma, foram escolhidas duas pousadas dentro da cidade, sendo uma de proprietário de Carrancas e outra de um “estrangeiro”⁷, e três localizadas fora da cidade com um proprietário de Carrancas, um proprietário “estrangeiro” e uma terceira pousada cujo proprietário, apesar de ter nascido em Carrancas, morou muito tempo fora e recentemente retornou para trabalhar com turismo no município. Assim, somando-se a proprietária da agência de turismo receptivo, este grupo foi representado, no total, por seis pessoas.

Para formar o terceiro grupo foram escolhidos três donos de atrativos, sendo que um proprietário “explora” seus atrativos (possui bar, pousada), outro proprietário não “explora” seus atrativos, mas permite a entrada de turistas e o terceiro não permite a entrada de turistas em sua propriedade.

⁷ Nome atribuído, pela população local, aos empresários que não são da cidade.

O grupo intitulado “população” foi delimitado por três grupos de foco. O primeiro foi formado na comunidade, o segundo com os guias turísticos locais e o terceiro com pessoas envolvidas em atividades culturais (folclore). Além destes *focus groups*, também foi feita uma entrevista individual com o vigário da cidade, por trabalhar há 48 anos no município e ter grande influência junto à comunidade. A intenção era a de fazer três *focus groups*, mas considera-se que apenas dois foram realizados, já que no grupo formado pelos guias, apesar de dez pessoas terem sido convidadas, apenas três compareceram e, por isso, não pode ser classificado dessa forma.

QUADRO 1 Grupos de atores entrevistados, agosto e setembro de 2003.

ATORES SOCIAIS	ENTREVISTADOS
Poder público	- Prefeito - Secretário de turismo - Representante do IBAMA
Empresários	- 2 proprietários de pousada, de Carrancas - 2 proprietários de pousada “de fora” - 1 proprietário de pousada carranquense que retornou para a cidade p/ trabalhar com o turismo - 1 proprietário de agência de turismo
Donos de atrativos	- 1 não permite visitação e não “explora” o recurso - 1 permite visitação e não explora - 1 permite visitação e explora o recurso
População	- <i>Focus group</i> com a população. - <i>Focus group</i> com pessoal do folclore - Entrevista coletiva com guias de turismo. - Entrevista individual com vigário da cidade.

Fonte: dados de pesquisa

A seleção dos entrevistados se enquadra em um tipo de amostragem não probabilística por julgamento. Segundo Alencar (2000), o processo de amostragem por julgamento é comum nas ciências sociais por permitir trabalhar com pessoas que apresentam certas características desejadas e consideradas importantes para o estudo.

O estudo utilizou, ainda, a análise documental e bibliográfica. Segundo Laville & Dionne (1999), um documento é toda a fonte de informação já existente. Podem ser fontes impressas, as mais usuais, mas documentos sonoros e visuais são também portadores de informações úteis. Entre as fontes impressas, podem ser citados artigos científicos, artigos de jornais e periódicos, documentos pessoais, entre outros. Entre as fontes audiovisuais podem ser citados fotos, discos e fitas magnéticas, etc.

3.4 Métodos de coleta de informações

Como método principal de coleta de dados deste estudo foram utilizadas entrevistas de dois tipos: individuais e em grupos. Casley & Kumar (1998) apontam que, na pesquisa qualitativa, as entrevistas podem ser conduzidas individualmente e também em grupos, atuando conjuntamente. Para esses autores, existem dois tipos de entrevistas de grupo: entrevistas comunitárias, na qual todos os membros da comunidade são convidados e, entrevistas de grupo de foco, que são limitadas a poucas pessoas convidadas.

Ao todo foram realizadas 13 entrevistas individuais e 3 grupos de foco, no período de junho a agosto de 2003, com duração média de 45 minutos. Quando a intenção era conhecer a opinião geral de certo grupo de entrevistados, optou-se pelas entrevistas em grupo. A entrevista individual foi utilizada por

permitir conhecer a opinião de cada entrevistado sem que ele fosse influenciado por outras falas.

Para a realização das entrevistas foi elaborado um roteiro contendo os tópicos a serem abordados. Segundo Gomes & Alencar (1998), a finalidade do roteiro é orientar o pesquisador para que todos os tópicos relevantes sejam abordados. O método *focused-interview* utilizado tem um foco preestabelecido, determinando os tópicos e subtópicos do roteiro e possui as seguintes características: a) está centrado em tópicos dispostos em um roteiro, os quais serão abordados durante a entrevista; b) esses tópicos não assumem a forma de questões estruturadas; c) não há nenhuma restrição ao aprofundamento dos tópicos por meio de questões que emergem durante a realização da entrevista (Alencar & Gomes, 1998, p. 110). Dessa forma, não houve restrição de aprofundamento em questões específicas e fora do roteiro que o pesquisador julgou necessário explorar.

A elaboração do roteiro de entrevistas seguiu a necessidade de atingir os objetivos propostos. Assim, procurou-se inicialmente saber o que os entrevistados entendiam por desenvolvimento e qualidade de vida, em seguida foi indagado se o turismo tem trazido desenvolvimento para Carrancas e se esta atividade tem melhorado a qualidade de vida no município. Posteriormente, pediu-se que os entrevistados apontassem os principais benefícios, pontos fortes e também os pontos considerados negativos trazidos pela atividade. Foi ainda solicitado que os entrevistados sugerissem possíveis ações que poderiam ser tomadas para que os impactos negativos fossem minimizados e medidas que, se colocadas em prática, poderiam vir a melhorar o turismo em Carrancas. Para finalizar, os entrevistados fizeram um balanço da atividade turística no município e julgaram se a atividade tem valido a pena ou não.

3. 5 Análise dos dados

Após o término da coleta de dados, buscou-se uma forma de analisá-los com o maior rigor possível. Para isso, a transformação de dados coletados, do seu estado bruto para resultados de pesquisa, envolveu a utilização de determinados procedimentos que tornassem possível esta transformação. Assim, a análise das informações fundamentou-se nos textos de Alencar (1998 e 2000), sobre significado e de Bicudo (2000), sobre a rede de significados. O processo de análise é apresentado, resumidamente, pelas seguintes etapas:

- 1) as entrevistas gravadas em fitas foram transcritas integralmente;
- 2) as transcrições foram lidas e relidas, à luz das interrogações formuladas, até que o transcrito começasse a fazer sentido (as interrogações apontam a direção da análise e sua interpretação);
- 3) ao ler as descrições, guiado pela interrogação, são extraídas as unidades de significado (individuais), indicando as idéias articuladas em cada fala;
- 4) das comparações resultam diferentes dimensões (grupos), para as quais são estabelecidos códigos (conceitos) identificando-as;
- 5) as unidades de significados são, então, agrupadas e caminham para reduções cada vez mais abrangentes, constituindo as reduções fenomenológicas;
- 6) em seguida, os conceitos são organizados em categorias, ou seja, classificados (essa classificação surge quando conceitos são comparados entre si e aparentam pertencer a um mesmo fenômeno, idéia, acontecimento, etc.).

A Figura 2 exibe um esquema ilustrativo dos passos descritos anteriormente:

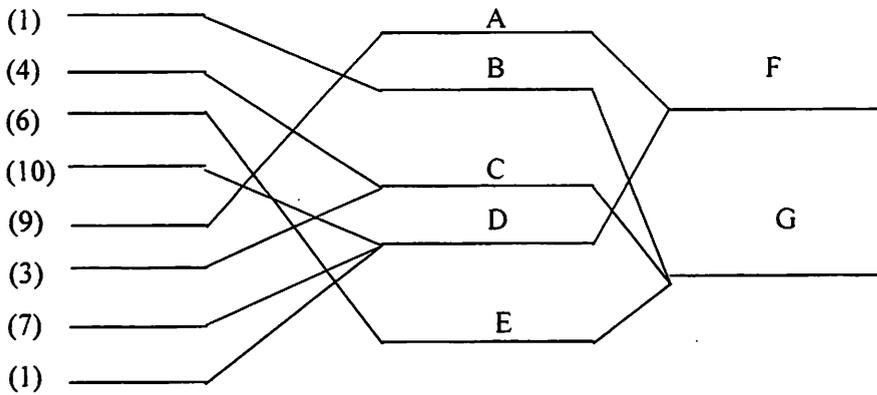


FIGURA 2 Esquema ilustrativo do processo de análise

- Os números são as unidades de significado extraídos à luz das interrogações formuladas e indicam as idéias presente em cada fala.
- As letras são reunidas por meio da redução fenomenológica e caminham para reduções cada vez mais abrangentes até formarem as categorias que expressam as idéias a respeito da interrogação previamente formulada.

4 CARRANCAS E O TURISMO

Este capítulo é constituído por seis seções. A primeira delas procura traçar uma visão geral do turismo na cidade de Carrancas, partindo da análise e da união de diferentes pesquisas. O segundo tópico aborda os diferentes significados atribuídos pelos entrevistados ao termo “desenvolvimento” e sua relação com o turismo local. Na terceira seção, serão expostas as percepções sobre o termo “qualidade de vida” e sua relação com o turismo em Carrancas. Os impactos negativos e os impactos positivos percebidos foram descritos na quarta seção. Na quinta seção, foram apresentadas as ações sugeridas para que os impactos negativos sejam minimizados e para que o turismo na cidade seja melhorado e na sexta seção é feito um balanço do turismo na cidade, avaliando-se a viabilidade desta atividade.

4.1 Carrancas e o turismo – uma tentativa de unir diferentes pesquisas

Nos últimos anos, Carrancas tem despertado o interesse de várias pessoas e entidades que vêm realizando diferentes pesquisas na cidade. Entre os órgãos envolvidos, podem ser citadas universidades (UFLA, Newton Paiva), o IBAMA e o SEBRAE. Este tópico irá tentar fazer uma junção destas pesquisas na tentativa de obter um panorama geral do turismo no município.

4.1.1 Panorama geral

Carrancas é uma cidade tranqüila e acolhedora, cercada por serras onde nascem as águas que alimentam os riachos, os córregos e as cachoeiras.

Esta é a maior atração de Carrancas, pois, ao todo, são mais de 50 cachoeiras, formando quedas d'água de vários tamanhos e volumes (Melo, 2002).

Além das belezas naturais, um outro atrativo de Carrancas são as construções centenárias, sendo a igreja matriz datada de 1736. As fazendas do século XIX também despertam grande interesse e algumas delas foram transformadas em hotéis-fazenda.

Hoje, Carrancas possui uma boa infra-estrutura de pousadas, tanto de carranquenses como de pessoas de fora, geralmente vindas de grandes centros, como Rio e São Paulo, que se estabeleceram na cidade à procura de maior qualidade de vida. No entanto, os turistas ainda se queixam de problemas de infra-estrutura, como o limitado horário de alimentação, falta de sinalização e informação e a falta de lazer noturno (SEBRAE, 2001).

José et al. (2000) fizeram um diagnóstico sócio-ambiental do turismo no município. Entre os resultados desta pesquisa, os autores destacam que o crescimento do turismo gera otimismo entre os donos de hotéis e pousadas quanto ao futuro dos seus negócios e muitas pessoas pensam em ampliar seus investimentos no turismo. Todavia, cabe ressaltar que alguns moradores se mostram profundamente preocupados com o rumo que o turismo tem tomado e reivindicam projetos de ordenamento.

Outra pesquisa, intitulada “Ecoturismo e desenvolvimento sustentável: um estudo de caso no município de Carrancas, MG”, realizada por Melo (2002), aponta que aproximadamente 90% dos moradores da cidade declararam acreditar que a atividade turística poderá levar benefícios ao município. De forma geral, a opinião dos moradores a respeito do turismo em Carrancas situa-se entre regular e bom. Segundo a autora, as principais razões apontadas para a classificação regular dizem respeito à falta de estrutura, divulgação e organização do município para receber os turistas.

Foram especialmente destacados como positivos os aspectos relativos à geração de renda e empregos (Melo,2002).

4.1.2 O perfil do turista

Várias pesquisas têm estudado o perfil do turista de Carrancas. Elas demonstram que a cidade atrai diferentes tipos de turistas, de ambos os sexos e diferentes faixas etárias. No entanto, uma das pesquisas destaca que o maior número de turistas (81%) se encontra na faixa que vai de vinte a quarenta anos (Rezende & Fassio, 2002).

Essa pesquisa aponta ainda que a cidade desperta o interesse tanto de pessoas solteiras como casadas, que vão à cidade com amigos ou com a família. Chamam a atenção os altos níveis de escolaridade e renda mensal dos turistas, pois 75% deles têm ou estão terminando o terceiro grau, dos quais 17% têm pós-graduação. Quanto à renda familiar, constatou-se que quase 60% dos entrevistados possuíam renda superior a R\$ 2.000,00 (Rezende & Fassio, 2002).

A maioria dos turistas que visitam Carrancas é mineira, sendo 27,3% oriundos da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 15% de cidades próximas a Carrancas, como Lavras, São João del Rei e Minduri e 25,4%, de outras regiões do estado de Minas. Em seguida, vieram os turistas dos estados de São Paulo (19,2%) e Rio de Janeiro (9,1%).

A pesquisa realizada por Melo (2002) afirma que as opiniões da população acerca do perfil dos turistas que freqüentam o município são divergentes. Grande parte das pessoas entrevistadas (22,77%) não fez uma distinção clara entre os turistas ao usarem a expressão “são de todo tipo”. Outros, somando 27,72%, acham os turistas bons. Mas, algumas pessoas mostraram algumas distinções comparativas em relação à época e o local freqüentado.

De acordo com a época em que freqüentam o município:

Os que vêm no inverno são bons, os que vêm no verão são ruins... Os que vêm nos feriados são bons, os que vêm no carnaval antecipado são ruins... Depende da época”.

Em relação ao local que freqüentam:

“Os que vão para as cachoeiras são ruins, os que ficam na cidade são bons”.

Outras pesquisas realizadas, entre elas a pesquisa feita pelo IBAMA e que tem por autores José et al. (2000), demonstram que a população local divide os turistas em dois grupos: os “farofeiros” e os “conscientes”. Os primeiros são de cidades no entorno de Carrancas, classificados como turistas diários, que permanecem por pouco tempo e não utilizam a infra-estrutura de hotéis e restaurantes, já que levam o que consomem. Este grupo é visto como responsável por grande parte do lixo deixado nos atrativos turísticos.

Os turistas considerados “conscientes” são os que vêm de grandes centros, permanecem por um período de tempo maior e utilizam a estrutura de hotéis e restaurantes. São também chamados turistas de boa intenção e este grupo foi tido como tendo maior consciência ambiental.

Esta segmentação feita pela população local também pôde ser verificada em outras pesquisas que tiveram como objetivo encontrar diferentes perfis de turistas na cidade. Os resultados de uma destas pesquisas demonstram dois segmentos distintos.

No trabalho realizado por Rezende & Fassio (2002), os turistas foram divididos em dois segmentos. O segmento 1, denominado de pseudo-ecoturistas, apresenta muitas características que o aproximam da definição de ecoturista. Demonstram, assim, um grande interesse pela cultura e história local, por esportes praticados ao ar livre, como trilhas e rappel, bem como pela culinária,

modo de vida e comportamento local. Já o segmento 2, denominado de “turistas convencionais”, aproxima-se muito da definição convencional de turista, sendo o desinteresse pelos aspectos que caracterizam o primeiro segmento uma de suas características mais marcantes.

Verificou-se também que a busca de tranquilidade e relaxamento, assim como a possibilidade de interação com a natureza, que constituem elementos característicos do ecoturismo, representaram, para os dois segmentos, as principais motivações que levaram os turistas a Carrancas.

A pesquisa aponta que o grupo 1 (pseudo-ecoturistas) atribui pouca importância aos meios de hospedagem, restaurantes e barzinhos, demonstrando a vontade de vivenciar e interagir com a realidade dos locais visitados, uma característica dos ecoturistas. Em contraposição, a importância atribuída à infraestrutura pelo grupo dois é muito maior, o que revela o anseio de encontrar a reprodução do padrão de conforto presente em suas cidades de origem, não vivenciando assim a realidade dos locais visitados. Esta característica reforça a classificação dos integrantes do segundo grupo como turistas convencionais.

A pesquisa realizada por Rezende & Fassio (2002) sugere que empresários e formuladores de políticas públicas devem reconhecer e buscar identificar segmentos com demandas diferenciadas, para que possam atendê-las com maior eficiência. Segundo estes autores, o ideal para o desenvolvimento local e manutenção das características naturais seria a atração maior de ecoturistas típicos, em detrimento do turista comum.

Os autores destacam que o sucesso não pode ser medido pelo número de visitantes, devendo-se levar em consideração o nível de satisfação dos clientes e a probabilidade de seu retorno por meio da garantia de satisfação. É necessário que se privilegie o marketing baseado na oferta, pois priorizar a oferta significa manter as características particulares do ambiente, sua capacidade de carga, respeitando e mantendo a cultura local.

Estas pesquisas são importantes por demonstrarem a realidade do turismo local. Além disso, elas são interessantes à medida que esclarecem algumas questões referente às tendências atuais do turismo (a valorização da natureza, a necessidade de descanso e fuga dos grandes centros urbanos e o interesse de se conhecer estilos de vidas mais tradicionais).

Além disso, alguns autores afirmam que, dependendo do tipo de turista que visita a região, o impacto será mais ou menos intenso. A magnitude dos impactos dependerá das características dos turistas e das diferenças sócio-culturais existentes. Como já foi visto, os turistas classificados como alocêntricos causam menos impactos. Ao fazer uma comparação entre as características deste perfil com um dos tipos de turista encontrados na pesquisa de Rezende & Fassio (2002), pode-se perceber uma convergência. Como já ressaltado anteriormente, o ideal para o desenvolvimento local e manutenção das características naturais seria a atração maior de ecoturistas típicos, em detrimento do turista comum. Estas questões são fundamentais para que se possa desenvolver um turismo sustentável.

4.2 Significados do termo desenvolvimento e sua relação com o turismo local

Este tópico trata das diferentes dimensões do desenvolvimento na concepção dos atores, o significado da palavra para eles e os principais fatores relacionados ao desenvolvimento. Esta questão se fez necessária para, a partir do significado do termo, melhor compreender os motivos pelos quais eles atribuem uma percepção positiva ou negativa na relação entre turismo e desenvolvimento.

4. 2.1. Os diferentes significados atribuídos ao termo desenvolvimento

Analisando-se as falas dos entrevistados, foram extraídas 77 unidades de significados que, após a redução fenomenológica, se enquadraram em seis dimensões principais do significado de desenvolvimento. Estas dimensões formam as categorias abertas na análise e podem ser melhor visualizadas no Quadro 2.

Assim, os significados atribuídos pelos atores ao termo desenvolvimento associaram-se às seguintes dimensões

- desenvolvimento relacionado à existência de infra-estrutura básica;
- desenvolvimento vinculado a fatores econômicos;
- desenvolvimento atrelado a ações sociais;
- desenvolvimento relacionado com progresso;
- desenvolvimento como qualidade de vida;
- desenvolvimento relacionado a fatores culturais;

QUADRO 2 Significado de desenvolvimento na perspectiva dos atores entrevistados, Carrancas, MG, 2003.

<p align="center">O QUE É DESENVOLVIMENTO ? F = número total de fatores mencionados = 77</p>	<p>Infra-estrutura nf= 26</p>	<ul style="list-style-type: none"> - saúde - segurança - saneamento - educação - tratamento de esgoto - telefone - ruas pavimentadas - “luz nas casas e água nas torneiras”.
	<p>Fatores econômicos nf=14</p>	<ul style="list-style-type: none"> - crescimento econômico - emprego - renda
	<p>Ações sociais nf= 13</p>	<ul style="list-style-type: none"> - planejamento - organização - união - associativismo - cooperação
	<p>Progresso nf =9</p>	<ul style="list-style-type: none"> - estrada - indústria - crescimento da cidade
	<p>Qualidade de vida nf= 6</p>	<ul style="list-style-type: none"> - melhores condições de vida para as pessoas; - facilidade no modo de viver; - aumento das liberdades dos indivíduos.
	<p>Fatores culturais nf=4</p>	<ul style="list-style-type: none"> - importância de se desenvolver preservando a cultura e respeitando os costumes

Fonte: dados da pesquisa

A categoria relacionada à existência de infra-estrutura remete a fatores tidos como básicos para se viver, tais como: saúde, segurança, saneamento, educação, tratamento de esgoto, telefone, ruas pavimentadas, “luz nas casas e água nas torneiras”. Esta categoria foi a maior, abrangendo 26 fatores mencionados.

A segunda maior categoria, com 14 fatores citados, aborda a dimensão econômica do desenvolvimento. Nela foram citados fatores como emprego e renda. Logo após, com 13 citações, foram agrupados fatores classificados como ações sociais, tendo em vista que a natureza destes fatores está intimamente ligada a atitudes a serem tomadas pela população, tais como: planejamento, organização, união, associativismo e cooperação.

Incluem-se na categoria intitulada progresso, elementos como estrada, indústria e crescimento da cidade, na qual foram agrupados 9 fatores. O fator “estrada”, apesar de parecer um fator estrutural, foi vinculado a este grupo devido a análise do contexto em que estes fatores estavam inseridos.

A categoria qualidade de vida, com 6 fatores mencionados, abrange elementos relacionados a melhores condições de vida para as pessoas e facilidade no modo de viver.

O desenvolvimento ainda foi relacionado com a cultura por quatro entrevistados, preocupados com a importância de desenvolver preservando a cultura e respeitando os costumes. Foram ainda mencionadas a questão ambiental, a importância do turismo para o desenvolvimento e a necessidade de se aproveitar as potencialidades locais. No entanto, estes fatores não foram enquadrados nas categorias formadas, por terem sido citados apenas uma vez cada e por não se enquadrarem em nenhuma outra categoria.

Dessa forma, foram abertas seis categorias que dão conta do significado do termo desenvolvimento para os atores envolvidos.

4.2.2 Variações na percepção do termo desenvolvimento

Ao se fazer a análise dos Quadros 3 e 4, percebe-se que a categoria formada pelos fatores econômicos, apesar de não apresentar o maior número de citações, 14 no total, foi a categoria mencionada por um maior número de

entrevistados. Ela foi citada por quase todos os empresários e por quase todos os representantes do poder público, mas não foi mencionada por nenhum dono de atrativo. Vale ressaltar que os elementos desta categoria foram mencionados por todos os membros da comunidade e com o maior número de citações. Dessa forma, a população foi, entre os atores estudados, a que mais vinculou o desenvolvimento a fatores econômicos. Esta consideração se torna relevante diante da pesquisa realizada por Melo (2003), que aponta estas questões como as principais deficiências do município e como um dos melhores pontos positivos do turismo.

QUADRO 3 Significado de desenvolvimento: relação das categorias abertas com base nas falas dos atores, Carrancas MG, 2003.

CATEGORIAS ABERTAS	DISCURSOS
Desenvolvimento como progresso	(6)(6)(10)(10)(10)(10)(11)(12) (G2)
Desenvolvimento como qualidade de vida	(11)(10)(2)(3)(G3)(G3)
Desenvolvimento vinculado a planejamento	(12)(12)(8)(7)(8)(8)
Desenvolvimento ligado a fatores sociais	(12)(12)(12)(12)(1)(1)(1)
Desenvolvimento relacionado a fatores culturais	(8) (3) (1)
Desenvolvimento ligado a fatores econômicos	(1)(13)(10) (9) (6)(5)(5)2)(13)(G1)(G1)(G2) (G3) (G3)
Desenvolvimento ligado a fatores estruturais	(13)(13)(11)(11)(8)(7)(7)(7) (7)(7)(7)(4)(4)(4)(4)(4)(4) (5)(3)(3)(2)(2)(2)(2)
Desenvolvimento relacionado à questão ambiental	(3)
Desenvolvimento endógeno/distribuição de renda	(3)(9)
Desenvolvimento relacionado ao desenvolvimento do turismo	(10)(6)(9)(4)(5)

Fonte: dados da pesquisa

- Poder público - discursos (1) (3) (6)
- Empresários
 - da cidade discursos (2) (5) (10)
 - vindos de grandes centros (4) (7)
 - carranquense que voltou para a cidade para trabalhar com turismo (9)
- Donos de atrativos – (8) (11) (12)
- População – (13) (G1) (G2) (G3)

QUADRO 4 Frequência de respostas por categorias de atores

CATEGORIAS ABERTAS	ATORES SOCIAIS			
	PP	EM	DA	POP
Desenvolvimento como progresso	2	4	2	1
Desenvolvimento como qualidade de vida	1	2	1	2
Desenvolvimento vinculado a planejamento		1	5	
Desenvolvimento ligado a fatores sociais	3		4	
Desenvolvimento relacionado a fatores culturais	2		2	
Desenvolvimento ligado a fatores econômicos	2	5		7
Desenvolvimento ligado a fatores estruturais	2	10	3	2
Desenvolvim. Relacionado à questão ambiental	1			
Desenvolvimento endógeno/distrib. de renda	1	1		
Desenv. Relacionado ao desenv. do turismo	1	4		

Fonte: dados da pesquisa

PP= poder público

EM= empresários

DA= donos de atrativos

POP= população

Já os elementos que formam a categoria infra-estrutura, com 26 fatores citados no total, foram mais mencionados pelos empresários, especificamente os que não são da cidade, (13 fatores) enquanto os empresários da cidade mencionaram apenas 6 elementos relacionados à infra-estrutura.

Os fatores que formam a categoria denominada ações sociais foram mais citados pelos donos de atrativos, abordando nove dos treze fatores relacionados à necessidade de tomada de medidas sociais para que haja desenvolvimento. Esta necessidade pode ser um indicativo de que a ausência de planejamento e organização tem afetado, principalmente, este ator social. O poder público mencionou três fatores e apenas um empresário estrangeiro citou fatores relacionados a esta categoria.

O desenvolvimento relacionado com progresso se distribuiu de forma bastante uniforme entre os atores, com uma leve tendência destes dois fenômenos serem menos interligados pela população.

O desenvolvimento foi vinculado com qualidade de vida por seis entrevistados, que mencionaram seis fatores. Estes fatores foram distribuídos de forma bastante uniforme entre todos os atores sociais com leve tendência a ser mais mencionado pela população.

A última categoria foi formada pelos fatores relacionados com a cultura. Da mesma forma que a categoria anterior, os fatores também foram distribuídos de forma bastante uniforme, tendo quatro entrevistados mencionado quatro fatores diferentes. No entanto, esta dimensão do turismo foi mais mencionada pelo poder público e a população não mencionou nenhum fator relacionado a esta categoria.

QUADRO 5 Significado de desenvolvimento: relação predominante por categoria de entrevistados, Carrancas, MG, 2003.

Desenvolvimento relacionado a ...	Mais mencionado pelo (a)...
Existência de infra-estrutura básica	Empresários
Fatores econômicos	Comunidade
Necessidade de ações sociais	Donos de atrativos
Progresso	Bastante homogêneo (- comunidade)
Qualidade de vida	Bastante homogêneo (+ comunidade)
Cultura	Poder público

Fonte : dados da pesquisa

4. 2. 3 Algumas considerações sobre desenvolvimento

Pôde-se perceber que os atores têm uma visão multidimensional de desenvolvimento, atribuindo diferentes significados ao termo. As categorias formadas demonstram que este termo é bastante complexo, abrangendo várias dimensões, tendo muitas delas sido anteriormente abordadas pelos autores revistos.

Para os atores pesquisados, o desenvolvimento ainda é visto como crescimento econômico, geração de emprego e renda por um número significativo de entrevistados (quatorze dos dezesseis discursos analisados). No entanto, outras dimensões entraram na pauta de discussão e também foram bastante expressivas, como a qualidade de vida, a importância de se preservar o meio ambiente e a cultura, chegando a se falar em aproveitamento das potencialidades locais, ou seja, o desenvolvimento endógeno discutido por alguns autores. Acredita-se que, de maneira geral, o desenvolvimento para estes atores vai ao encontro dos conceitos e tendências atuais de desenvolvimento.

4.2.4 Turismo e desenvolvimento

A discussão sobre o significado de desenvolvimento para os atores sociais do município de Carrancas servirá como base para a análise da relação turismo e desenvolvimento. Por conseguinte, procurou-se, nesta seção, o posicionamento dos entrevistados no sentido de identificar se, na visão deles, o turismo tem trazido desenvolvimento para o município. Independente do posicionamento do ator, procurou-se identificar os fatores em que se apoiava sua opinião.

A partir desta questão, foram obtidas diferentes respostas. De maneira geral, a visão foi positiva, uma vez que em doze dos dezesseis depoimentos, os

entrevistados afirmaram que o turismo tem sido um fator de desenvolvimento para Carrancas. Dois entrevistados consideram que o turismo não tem trazido desenvolvimento, um entrevistado considera que poderia estar sendo melhor aproveitado e outro considera que o turismo tem trazido desenvolvimento para a cidade, mas não para a zona rural. O Quadro 5 demonstra a relação dos discursos com as respostas.

QUADRO 6 Opinião dos atores na relação turismo e desenvolvimento, Carrancas, MG, 2003.

Turismo e desenvolvimento	Atores sociais			
		EM	DA	POP
O turismo tem trazido desenvolvimento	2	4	2	4
O turismo não tem trazido desenvolvimento	1	1	-	-
Trouxe desenvolvimento para a cidade mas que não trouxe para a zona rural	1	-	-	-
Poderia estar sendo melhor aproveitado	1	-	-	-

Fonte : dados da pesquisa

PP – poder público

EM – empresários

DA – donos de atrativos

POP - população

Aqueles que consideram que o turismo não tem trazido desenvolvimento ou que poderia ser melhor aproveitado colocam como principais razões para esta conclusão a má organização e a falta de planejamento, considerando que a atividade não está sendo organizada de forma sustentável. Um entrevistado alega que a população ainda está excluída do processo e outro aponta que os benefícios do turismo ainda estão concentrados em poucas mãos. Mencionaram ainda as questões culturais e ambientais da cidade, considerando que estes elementos estão sendo gravemente atingidos. Além disso, em relação à questão econômica, um dos entrevistados alega que as oportunidades de emprego são de

baixa qualificação, ou seja, faxineiros e pedreiros, e que o dinheiro gerado pelo turismo tem trazido, para algumas pessoas, o abandono de antigas atividades. A questão da saúde também foi mencionada como problemática pelo fato de os turistas utilizarem as cotas do Sistema Único de Saúde destinadas ao município, podendo privar a própria população de um serviço destinado a ela. É importante ressaltar que todos estes fatores foram citados por apenas duas pessoas, que consideram que o turismo não tem trazido desenvolvimento; no entanto, estes mesmos entrevistados mencionaram vários fatores positivos que serão analisados posteriormente

Os principais motivos para considerar que o turismo tem trazido desenvolvimento estão ligados a fatores econômicos (geração de emprego e renda). Este foi o motivo mais citado, seguido por mudanças sociais, como a sensibilização para a questão ambiental e mudança na visão de mundo de algumas pessoas, além do aumento da possibilidade de fixação da população local na própria cidade e cursos de capacitação.

Um dono de atrativo acredita que o turismo tem trazido desenvolvimento para a cidade por estar melhorando a infra-estrutura local e por proporcionar uma convivência com o “pessoal de fora”. No entanto, este entrevistado alega que para a zona rural dificultou muito, já que *não pode queimar, não pode cortar um pau, não pode mexer, tem que obedecer a ecologia*. Outros fatores considerados problemáticos para a zona rural serão abordados posteriormente ao analisarem-se os impactos negativos do turismo no município.

QUADRO 7 Relação entre turismo e desenvolvimento na perspectiva dos atores sociais, Carrancas, MG, 2003.

ATORES SOCIAIS		O TURISMO TEM TRAZIDO DESENVOLVIMENTO ?				
		F = número total de fatores mencionados = 53				
		Questão financeira emprego e renda nf= 14	novas idéias/ educação ambiental nf= 10	fixação do pessoal da cidade nf= 3	distribuição de renda nf= 5	má organização/ necessidade de planejamento nf= 5
Poder Público E = 3	Sim 2	n = 3 N=2	n = 3 N=2			
	Não 1	n = 1 N= 1			n = 1 N= 1	n = 4 N=1
Empresários E = 6	Sim 5*	n = 5 N= 4	n = 1 N= 1	n = 1 N= 1	n = 2 N= 1	
	Não 1				n = 1 N= 1	n = 1 N = 1
Donos atrativos E = 3	Sim 3**	n = 2 N=2	n = 4 N=2	n = 2 N=2		
	Não 0		n = 1 N = 1			
Comunidade E = 1 G = 3	Sim 4	n = 3 N=2	n = 2 N=2		n = 1 N= 1	
	Não 0					

Fonte: dados de pesquisa

- 12 entrevistados responderam que o turismo tem trazido desenvolvimento. (1) (5) (6) (7) (8) (9) (10) (12) (13) (G1) (G2) (G3)
- 2 entrevistados responderam que o turismo não tem trazido desenvolvimento. (2) (3)
- 1 entrevistado disse que poderia estar sendo melhor aproveitado. (4)
- 1 entrevistado disse que trouxe desenvolvimento para a cidade mas que não trouxe para a zona rural (11)

* sim, mas poderia ser melhor / ** para a cidade traz muito desenvolvimento, mas para a zona rural foi muito ruim

n = número de vezes que o fator foi citado / N = número de entrevistados que mencionaram o fator

nf = número total de fatores mencionados na categoria

E = número de entrevistados / G = número de grupos

4.2. 5 Considerações gerais sobre a relação turismo-desenvolvimento

A percepção geral é a de que o turismo tem trazido desenvolvimento, já que apenas dois dos dezesseis discursos analisados continham a idéia de que o turismo não tem trazido desenvolvimento para Carrancas.

A análise da fala sobre a percepção de que o turismo não tem trazido desenvolvimento para a zona rural e a justificativa para esta afirmação revelam que esta parece ser um tanto antagônica, já que a justificativa principal é o aumento de denúncias de infrações ambientais (como queimadas) aos órgãos de inspeção e a pressão para se preservar e respeitar o meio ambiente. No entanto, apesar da razão mencionada caminhar em direção oposta às novas propostas de desenvolvimento, já que a preservação é necessária para um ecodesenvolvimento, por outro lado, é importante destacar que, apesar do uso de formas menos recomendadas ou até impróprias na visão dos órgãos ambientais, estes modos tradicionais executados há anos têm, de certa forma, conseguido manter as características locais. Para ilustrar esta questão será usado um trecho do discurso do poder público relacionando a dificuldade de compreensão dos turistas em relação às formas tradicionais usadas pelos agricultores.

Alguns, que vieram de São Paulo, eles querem um ambiente e isso dá muita briga. Ali em Carrancas dá muito pau por causa disso.. Eu acho o seguinte, tem mais de duzentos, trezentos anos que aquilo está daquele jeito. Está degradando sim, não vou falar que é tudo uma gracinha ...Não podemos só bater palmas, achar que está tudo 100% porque têm coisas complicadas. ... Tem que vê o que dá pra fazer. É difícil essa equação (Entrevistado 3, poder público).

A gente é tão doído de pensar assim. Nosso grupo discutiu isso. Por que não, um dia, um turista saber como se faz um queimada? Por que não ele entender que tem um cara que queima com critério. E quais são esses critérios? Ele conhecer isso. (Entrevistado 3, poder público).

Estes discursos levantam a discussão da relação homem/natureza. Por um lado, mostra a existência de ações tradicionais da população e, por outro lado, a percepção da natureza como mito. Este mito de que a natureza deve ser intocável é tratada por Diegues (1998). Este autor afirma que, a partir da segunda metade do século XIX, foram criadas áreas naturais protegidas, tais como parques naturais, como uma estratégia de conservação da natureza e, ao mesmo tempo, em benefício das populações urbanas, buscando fornecer a estas meios de lazer e contemplação do mundo natural. Para este autor, estes tipos de espaço disseminam o mito da natureza intocável e que esse "neomito" é infundado, pois desde os primórdios da humanidade o homem interage com a natureza, tirando dela seu sustento e formas de reprodução social.

Este autor acrescenta que, no estilo de vida das populações tradicionais existe uma simbiose homem-ciclo natural, que se manifesta tanto no campo das atividades do fazer, do conhecer e das técnicas patrimoniais quanto no campo simbólico, mostrando a necessidade de se conhecer e respeitar o saber local. Assim, propostas como a sugerida pela entrevistada possibilitariam aos turistas uma melhor compreensão das tradições locais, considerando também, questões culturais e estimulando a sustentabilidade em todos as dimensões propostas. Atitudes como esta beneficiariam tanto o turista como a população por permitirem uma melhor compreensão da história local, o que facilitaria o convívio entre turista e população, trazendo menos conflitos e mais qualidade de vida.

4.3 Significados do termo qualidade de vida e sua relação com o turismo local

Este tópico irá tratar das diferentes percepções de qualidade de vida mencionadas pelos atores, bem como o significado do termo para eles. Esta questão se fez necessária para, a partir do significado do termo, melhor compreender os motivos pelos quais eles atribuem uma percepção positiva ou negativa na relação entre turismo e qualidade de vida que será analisada posteriormente.

4.3.1 Os significados de qualidade de vida

Analisando-se as falas dos entrevistados extraiu-se um número total de 65 unidades de significados que, após a redução fenomenológica, foram agrupados, por similaridade, em cinco grandes grupos que atribuem significado ao termo qualidade de vida. Estes grupos caracterizam as categorias abertas na análise e podem ser melhor visualizadas no Quadro 8.

QUADRO 8 Significados atribuídos ao termo qualidade de vida, Carrancas, MG, 2003

O QUE É QUALIDADE DE VIDA? F= 65	Bem viver nf= 22	- tranqüilidade - segurança - ar puro - não ter violência - andar livre na rua
	Fatores estruturais nf=15	- saúde - educação - saneamento
	Aspectos econômicos nf= 11	- emprego - renda
	Expansão das liberdades nf =9	- poder comer o que estiver a fim - ter condições de dar estudo a seus filhos - ter meios de sobreviver melhor
	Interação social nf= 9	- conhecer as pessoas - amizade - confiança

Fonte: dados da pesquisa

Assim, as categorias abertas relacionam qualidade de vida à:

- bem viver;
- fatores estruturais;
- aspectos econômicos;
- expansão das liberdades;
- interação social.

Na categoria aberta denominada bem viver, foram enquadrados 22 fatores. Esta foi a maior categoria aberta e os fatores nela agrupados reportam à tranqüilidade, segurança, ar puro, não ter violência, andar livre na rua, entre outros.

Na categoria aberta denominada fatores estruturais, a qualidade de vida está relacionada à existência de infra-estrutura. Esta categoria teve 14 fatores mencionados e está relacionada ao atendimento de necessidades básicas, como educação, saúde e saneamento.

A qualidade de vida também foi relacionada a desempenho econômico. Nesta categoria foram agrupados 11 fatores que remetem à geração de emprego e renda.

A categoria aberta denominada interação social, com nove fatores mencionados, associa qualidade de vida a fatores de relacionamento entre as pessoas. Assim, esta categoria agrupou fatores como amizade, confiança e a importância e a satisfação de se conhecer as pessoas.

Foram chamados de expansão das liberdades fatores relacionados à melhores condições de vida. Esta categoria teve nove fatores mencionados, que reportam ao aumento do grau de liberdade das pessoas. Assim, para esclarecer melhor, foram colocados alguns trechos extraídos das falas, os quais permitiram esta interpretação: “poder comer o que estiver a fim”, “ter condições de estudar seus filhos”; “Ter meios de sobreviver melhor”.

4.3.2 Variações na percepção de qualidade de vida

Ao se fazer a análise do Quadro 9, nota-se que as categorias abertas foram percebidas de forma diferenciada pelos atores envolvidos.

QUADRO 9 Significado de qualidade de vida: relação das categorias abertas com as falas dos atores, Carrancas, MG, 2003.

CATEGORIAS ABERTAS	N dos DISCURSOS
Bem viver	(G2) (12) (12) (12) (12) (11) (10) (10) (9) (9) (9) (8) (7) (7) (7) (7) (6) (4) (4) (4) (3) (2)
Fatores estruturais	(13) (12) (9) (9) (8) (7) (6) (6) (6) (4) (4) (2) (2) (1)
Desempenho econômico	(G1) (G1) (G1) (11) (8) (5) (5) (5) (2) (2) (13)
Interação social	(G2) (G2) (13) (12) (10) (7) (2)(2) (2)
Expansão das liberdades	(1) (1) (1) (11) (5) (5) (5) (2) (2)

Fonte : dados da pesquisa

A qualidade de vida foi relacionada à categoria bem viver, principalmente pelos empresários. Estes atores sociais também deram grande importância a fatores estruturais. Assim, juntamente com o poder público, os empresários também tenderam a relacionar qualidade de vida com fatores estruturais.

A qualidade de vida foi relacionada à categoria aberta denominada expansão das liberdades, principalmente pelo poder público. No entanto, enquanto os fatores dessa categoria foram citados apenas por um entrevistado do poder público, o empresariado teve um maior número de entrevistados, mencionando unidades de significados agrupados a ela.

A população foi, entre os atores sociais, a que mais vinculou a qualidade de vida ao desempenho econômico. Juntamente com esta última categoria, a população também tendeu a relacionar qualidade de vida à categoria intitulada interação social, esta também bastante mencionada pelos empresários.

Estas percepções são detalhadas nos Quadros 10 e 11.

QUADRO 10 Significado de qualidade de vida: relação predominante por categoria de atores entrevistados, Carrancas, MG, 2003.

Qualidade de vida relacionada a ...	Mais mencionado por...
Bem viver	Empresários e donos de atrativos
Fatores estruturais	Poder público e empresariado
Desempenho econômico	Comunidade
Interação social	Comunidade e empresários
Expansão das liberdades	Poder público

Fonte : dados da pesquisa

QUADRO 11 Significado de qualidade de vida: categoria de atores sociais e fatores associados à qualidade de vida, Carrancas MG, 2003.

Atores sociais	Tendência a associar qualidade de vida com...
Poder público	Fatores estruturais/expansão das liberdades
Empresários	Bem-viver/fatores estruturais/interação social
Donos de atrativos	Bem-viver
Comunidade	Desempenho econômico / interação social

Fonte : dados da pesquisa

4.3.3 Considerações sobre qualidade de vida

Pôde-se perceber que os atores atribuem diferentes significados ao termo qualidade de vida. No entanto, analisando-se as categorias abertas e as unidades de significado que formaram cada categoria, nota-se uma certa interligação do termo qualidade de vida com os significados atribuídos a desenvolvimento.

Dessa forma, analisando-se os Quadros 12 e 13 observa-se que 59% da atribuição de significado de desenvolvimento correspondem a 53% do significado atribuído à qualidade de vida. Dessa forma, as categorias que diferenciam estes dois termos são;

- para desenvolvimento:
 - progresso (estrada, indústria, crescimento da cidade)
 - ações sociais (planejamento, organização, união, associativismo)
- para qualidade de vida:
 - bem viver (tranqüilidade, segurança, ar puro, não ter violência)
 - interação social (amizade, confiança)

QUADRO 12 Significado de desenvolvimento, Carrancas MG, 2003.

DESENVOLVIMENTO					
Progresso	Qualidade de vida	Econômicos	Infra estrutura	Cultura	Ações sociais
12%	59%			7%	17%

Fonte : dados da pesquisa

QUADRO 13 Significado de qualidade de vida, Carrancas MG, 2003.

QUALIDADE DE VIDA				
Interação social	Econômicos	Expansão das liberdades	Infra-estutura	Bem-viver
14%	53%			33%

Fonte : dados da pesquisa

Assim, pode-se perceber que, para os atores estudados, desenvolvimento e qualidade de vida estão estreitamente relacionados, demonstrando a amplitude destes conceitos e, ainda, a convergência com as tendências atuais de desenvolvimento.

4.3.4 Turismo e qualidade de vida

A discussão sobre o significado de qualidade de vida para os atores sociais do município de Carrancas servirá como base para a análise da relação entre turismo e qualidade de vida. Dessa forma, neste tópico procura-se

identificar se, na percepção dos atores, o turismo tem melhorado a qualidade de vida no município. Independente do posicionamento do ator, procurou-se identificar os fatores em que se apoiava sua opinião.

A partir desta questão foram obtidas diferentes respostas. Doze dos dezesseis depoimentos expressam que o turismo tem melhorado a qualidade de vida em Carrancas; três entrevistados afirmaram que o turismo não tem melhorado a qualidade de vida em Carrancas e um entrevistado acredita que o turismo não tem interferido na qualidade de vida local. No Quadro 14 foram relacionados os depoimentos sobre as percepções de cada grupo de ator pesquisado.

QUADRO 14 Relação dos depoimentos com as percepções dos grupos de atores pesquisados, Carrancas MG, 2003.

Turismo e qualidade de vida	Atores sociais			
	PP	EM	DA	POP
O turismo tem melhorado a qualidade de vida	2	4	2	4
O turismo não tem melhorado	1	1	1	-
Não interfere	-	1	-	-

Fonte : dados da pesquisa

PP – poder público

EM – empresários

DA – donos de atrativos

POP –população

Os principais motivos para que os atores avaliassem a relação turismo e qualidade de vida foram baseados em aspectos econômicos e sociais, tanto positivos como negativos (Quadros 15 e 16).

Entre os aspectos econômicos considerados positivos para o aumento na qualidade de vida local estão a geração de emprego e renda, o aumento de investidores na cidade, tanto de carranquenses como de pessoas de fora, o

implemento do comércio, o aumento de oportunidades para o artesanato e para produtos caseiros e considerarem que o turismo tem conseguido distribuir a renda entre a população.

Da mesma forma que estes aspectos econômicos foram considerados positivos, foram citados o aumento do custo de vida, o aumento no valor da mão-de-obra (salários), a especulação imobiliária e a concentração da renda do turismo em poucas mãos como aspectos econômicos negativos que têm influenciado para que o turismo não esteja melhorando a qualidade de vida local.

QUADRO 15 – Aspectos econômicos e sociais associados à relação entre turismo e qualidade de vida, Carrancas MG, 2003.

Aspectos econômicos	
Positivos	Negativos
Emprego	Aumento do custo de vida
Renda	Aumento no valor da mão de obra
Investimento	
Implemento no comércio	Especulação imobiliária
Aumento de oportunidades	Distribuição de renda
Distribuição de renda	

Fonte: dados da pesquisa

Entre os aspectos sociais apontados como positivos estão o aumento da auto-estima, a abertura de horizontes proporcionada pelo contato com o pessoal de fora, a fixação da população na cidade, além de percepções, tais como:

O pessoal está conseguindo viver melhor. (Entrevistado 11, dono de atrativo).

Igual eu te falei, o pessoal que aluga casa, já conseguiu mais um banheiro dentro de casa, já melhorou a casa dele. Se ele tem uma casa boa, já tem uma

qualidade de vida boa. Já tem um dinheirinho para comer melhor, se vestir melhor, é uma corrente. (Entrevistado 5, empresário da cidade).

Antes o povo ralava pra caramba pra conseguir alguma coisa, pegava pesado no retiro. Hoje, trabalha em pousada. (Grupo de foco, guias).

Os aspectos sociais mencionados como limitantes para a relação turismo e qualidade de vida associam-se, principalmente, ao aumento da violência. Alguns entrevistados também consideram que o turismo tem tirado o que seria da população local para dividir com outros, como é o caso das cotas do Sistema Único de Saúde (SUS) e outros acreditam que a comunidade ainda está excluída do processo.

Quando a gente pensa se a população está sendo beneficiada, a gente fala que não. Porque também se chega muita gente, você teria que tirar alguma coisa que seria da população local pra estar dividindo com outras pessoas. A área da saúde, por exemplo, a parte de medicamento, a parte hospitalar. Às vezes o hospital fica sobrecarregado, a gente está falando em época de alta temporada aqui em Carrancas. Tem parte positiva? Tem. Mas a população, em temos gerais, não está sendo tão beneficiada. Pelo contrário, ela tem que absorver estes aspectos negativos disso aí (Entrevista 8, dono de atrativo).

....lá eu noto que já existe uma certa qualidade já, comparado com outros lugares, mas eu noto ainda muito dependente de governo. Pouca independência das pessoas. Agora, muito pelo contrário, o turismo tem feito o sentido inverso. A distribuição de recursos ainda está errada, a questão da violência aumentou, quer dizer, aí o que é que trouxe desenvolvimento entre aspas para as pessoas, o progresso, né? Ah! melhorou o supermercado, melhorou isso, melhorou aquilo, mas a perda foi muito grande. Eu enxergo uma perda muito grande de qualidade de vida (Entrevista 3, poder público).

O Quadro 16 relaciona os aspectos sociais positivos e negativos na relação entre turismo e qualidade de vida.

QUADRO 16 - Aspectos sociais positivos e negativos na relação entre turismo e desenvolvimento, Carrancas, MG, 2003.

Aspectos sociais	
Positivos	Negativos
Aumento da auto-estima	Aumento da violência
Abertura de novos horizontes	O turismo tem tirado o que seria da população local para dividir com outros
Fixação da população na cidade	Comunidade excluída do processo

Fonte: dados da pesquisa

4.3.5 Considerações gerais sobre a relação entre turismo e qualidade de vida

A percepção geral é a de que o turismo tem trazido qualidade de vida, já que apenas três dos dezesseis discursos analisados expressam um sentimento oposto.

A expansão das liberdades das pessoas e a remoção das privações de liberdade foram apontadas como motivos principais, juntamente com fatores econômicos, para que os entrevistados atribuíssem uma percepção positiva à relação entre turismo e qualidade de vida. Estes aspectos reforçam a ligação entre desenvolvimento e qualidade de vida analisada por Sen (2000).

É interessante destacar o fato da citação “distribuição de renda” figurar nos depoimentos tanto como uma manifestação positiva como negativa. Ou seja, alguns consideram este elemento um dos motivos para o turismo estar trazendo qualidade de vida e outros mencionaram este fator como motivo para o turismo não estar trazendo qualidade de vida.

4.4 Impactos positivos e negativos do turismo no município

Os impactos trazidos pelo turismo podem ser positivos ou negativos e podem se apresentar nos mais diferentes aspectos afetando a economia, a cultura, o ambiente, entre outros. Este tópico irá tratar dos principais impactos positivos (ou fatores favoráveis) e dos impactos negativos percebidos pelos atores sociais envolvidos.

Como já foi dito, a partir da análise das falas foram extraídas as unidades de significado que foram posteriormente agrupadas por similaridade. Ao contrário das análises anteriores, para a classificação das categorias referentes aos impactos do turismo foram utilizadas as mesmas divisões mencionadas no referencial teórico. Assim, os fatores encontrados se enquadraram nas seguintes categorias:

- impactos econômicos;
- impactos físico/ambientais;
- impactos culturais;
- impactos sociais.

Na categoria denominada impactos econômicos foram agrupados fatores relacionados a mudanças percebidas no âmbito da economia local. A categoria impactos físicos-ambientais é caracterizada pelas mudanças percebidas em infraestrutura e mudanças relacionadas ao espaço físico, natural e construído. Como impactos culturais foram incluídos os fatores que reportam às mudanças nos costumes e tradições locais e como impactos sociais foram agrupados os fatores relacionados às mudanças que têm influenciado os atores como seres sociais.

É importante destacar que as percepções dos entrevistados estão relacionadas tanto a impactos positivos quanto negativos, para cada categoria formada.

4.4.1 Percepções positivas

Este tópico irá abordar os principais impactos apontados como favoráveis e discutir as razões pelas quais os entrevistados atribuíram significado positivo para cada elemento mencionado.

Ao todo foram mencionados 60 fatores percebidos como positivos, estando os mais citados relacionados a impactos econômicos, com 24 indicações, seguido dos impactos sociais, com 15 fatores citados. O terceiro grupo mais mencionado, com 9 indicações, está relacionado com os aspectos culturais e, em quarto lugar, com seis menções, estão os aspectos relacionados à questão ambiental. Ainda foram citados como positivas as melhorias em infra-estrutura, com duas citações e a divulgação da cidade com três fatores mencionados (Quadro 17).

QUADRO 17 Pontos positivos do turismo na perspectiva dos atores sociais, Carrancas MG, 2003.

ATORES SOCIAIS	PONTOS POSITIVOS			
	F = número total de fatores mencionados = 60			
	Fatores econômicos nf = 24	Fatores culturais nf = 9	Fatores sociais nf = 15	Fatores ambientais nf = 8
Poder Público E = 3	n = 5 N/E=1,66 N=3	n = 0 N/E = 0 N= 0	n = 4 N/E = 1,33 N = 1	n = 2 N/E = 0,66 N=2
Empresários E = 6	n = 8 N=6 N/E=1,66	n = 3 N/E = 0,5 N= 3	n = 2 N/E = 0 N=3	n = 2 N/E = 0,33 N= 1
Donos de atrativos E = 3	n = 2 N= 2 N/E=0,66	n = 1 N/E = 0,33 N= 1	n = 5 N/E = 1,66 N=3	n = 1 N/E = 0,33 N= 1
Comunidade E =1 G =3	n = 7 N/E = 1,75 N=3	n = 5 N/E = 1, 25 N= 4	n = 4 N/E = 1 N=2	n = 3 N/E = 0,75 N= 1

Fonte: dados de pesquisa

n = número de vezes que o fator foi citado

N = número de entrevistados que mencionaram o fator

nf = número total de fatores mencionados na categoria

E = número de entrevistados

G = número de grupos

Os benefícios agrupados como **impactos econômicos** positivos foram mais mencionados pela comunidade. O fator mais freqüente está relacionado ao aumento na oferta de emprego; ao todo foram feitas 11 citações relacionadas a este fator. A geração de renda foi o segundo fator mais citado nesta categoria, com 5 referências. Foram ainda mencionados fatores associados ao implemento no comércio como a maior oferta de produtos e a concorrência comercial gerada pelo aumento do número de estabelecimentos comerciais. Estes aspectos foram considerados positivos por ajudarem na fixação da população local na própria cidade, pela possibilidade de retorno de algumas pessoas que estavam morando fora e, por causa do turismo e do aumento de oportunidades, estas pessoas estarem retornando. O aumento na oferta de emprego também foi apontado por um entrevistado como muito importante, por ser considerada a principal deficiência do município.

A geração de renda possibilita novos investimentos e os entrevistados acreditam que, com o aumento do volume de dinheiro, as pessoas passam a ter uma vida melhor. A fala de um entrevistado ilustra os benefícios percebidos pelo aumento do número de empregos.

Todo mundo hoje ganha dinheiro e, se a pessoa tem dinheiro, tem uma vida melhor
(Entrevista 5, empresário local).

Foram classificados como **impactos sociais** positivos do turismo os aspectos relacionados à convivência com o “pessoal de fora”, à mudança de visão de mundo de algumas pessoas e o aumento da auto-estima. Os donos de atrativos foram os atores sociais com maior número de citações relacionadas aos benefícios sociais trazidos pelo turismo. Também foram citadas por um entrevistado as mudanças ocorridas na estrutura de poder do município, como um fator positivo.

Quebra culturas também muito complicadas. Porque existe a cultura local, mas tem coisas que são arraigadas que prejudicam a comunidade. O turismo quebra um pouco com isso daí. O coronelismo... coisas ruins também. Ele mexe. Existe esse conflito, com essa estrutura toda de poder (Entrevista 3, poder público).

Para os entrevistados, a possibilidade de se relacionarem com um número maior de pessoas faz com que a população abra seus horizontes para coisas novas e passem a buscar novos caminhos e conhecer novas possibilidades. As declarações a seguir ilustram os aspectos positivos da interação entre os habitantes de Carrancas e seus visitantes.

Eu sinto que eles estão se desembaraçando, eu sinto que eles estão crescendo com isso (Entrevista 7, empresário vindo de grande centro).

Este conchavo com o pessoal de fora vem trazendo novas idéias. Faz as pessoas quererem buscar outras coisas, não ficar tão acomodada (Entrevista 11, dono de atrativo).

O “despertar das pessoas” eu acho interessante porque as pessoas precisam estar mais atentas, ter mais conhecimento, dar mais notícia das coisas, estarem mais atualizadas (Entrevista 8, dono de atrativo).

Eu enxergo que algumas pessoas lá estão começando a mudar a visão de mundo. Eles estão num lugar conseguindo enxergar, principalmente quem eu tenho mais contato que são os guias, a evolução que eles tiveram na visão de mundo é interessante. Eles estão num lugar começando a se enxergar, enxergar o mundo lá fora, enxergar as potencialidades deles. É impressionante. Tem um que vem participando do projeto com a gente, a estima dele, assim, a auto-estima melhorou demais. Eles estão começando a visualizar. Começando também ter um pouco mais de malícia com relação ao que vem (Entrevista 3, poder público).

Abriu a cabeça do pessoal da cidade (Esta expressão foi constante dentro do grupo de foco feito com os guias)

Estes trechos são interessantes à medida que expressam o crescimento e o “despertar” da população como um todo. Demonstram principalmente que

esta não é uma opinião única, mas uma manifestação presente nos depoimentos de várias pessoas e de todos os atores sociais estudados.

Foram classificados como impactos culturais positivos mais importantes o intercâmbio cultural e o resgate e valorização da cultura. Tanto um como outro foram citados por quatro vezes e a população foi o ator social que mais mencionou fatores favoráveis relacionados a esta categoria.

Os motivos pelos quais estes fatores foram apontados como positivos estão relacionados ao despertar de interesse e curiosidade em conhecer a cultura local e pelo fato de que antigas práticas culturais que estavam se perdendo estarem hoje sendo resgatadas, valorizadas pela própria comunidade. Outro aspecto da cultura que também foi considerado positivo foi o incentivo ao artesanato local.

Os entrevistados acreditam que a valorização dada pelo turista faz com que a própria população passe a valorizar mais sua própria cultura. Para melhor ilustrar esta questão, serão utilizados dois trechos extraídos das entrevistas.

O turismo incentivou muito o pessoal do congado. Levantou a moral mesmo
(Grupo de foco 2, guias).

Antes eu saía no congado o pessoal criticava, riam de mim quando a gente passava na rua. Quando começou o turismo e eles começaram a valorizar nossa cultura, eles passaram a conhecer e parou. Hoje eles ficam querendo saber como que faz para participar, como é que é, interessam mais para saber a história
(Grupo de foco 3, folclore).

Foram chamados de impactos **físico-ambientais** os impactos no meio ambiente físico natural e construído. Os fatores relacionados à questão ambiental foram os benefícios mais citados. Entre estes fatores estão o aumento da consciência ambiental, a educação da própria população local para a valorização do meio ambiente, o reconhecimento do patrimônio que a eles pertence e a preservação ambiental. Entre os fatores relacionados a mudanças no espaço

físico construído foram apontados benefícios relacionados à melhoria na infraestrutura local, como a melhoria de estradas e a pavimentação do trecho que dá acesso à cidade.

Um trecho de um depoimento ilustra como o turismo levou a população local a reconhecer seu potencial e a valorizar e reconhecer o patrimônio que eles têm:

Por eles valorizarem, isso passa pra nós. A gente que está aqui, a gente não valoriza tanto como o pessoal que está de fora. Os de fora começam a falar e a gente começa a ver que realmente a gente tem isso aqui. Coisas que às vezes a gente não enxerga, a gente começa realmente a valorizar. A gente aprende a reconhecer o patrimônio que a gente tem e que nem dá tanto valor. Não admira. Porque o nosso dia-a-dia a gente está aqui o dia todo, você não aprende realmente a apreciar a achar bonito. Sempre o do outro é mais bonito que o da gente”(Entrevista 9, empresário)

A divulgação da cidade foi citada como um fator positivo por quatro entrevistados. As razões pelas quais este fator foi mencionado estão relacionadas ao fato de uma cidade conhecida atrair mais investidores e também por uma questão relacionada à auto-estima dos seus moradores, já que hoje Carrancas é admirada e conhecida no cenário nacional.

Ah! a divulgação da cidade é positiva porque você vai em Belo Horizonte, na capital, e você fala de sua cidade natal, a cidade que você nasceu e ninguém conhece. Carrancas é um nome estranho. Já assusta. É bom para o carranquense. Falar em Carrancas e todo mundo conhecer (Entrevista 5, empresário local).

E o turismo leva o nome de Carrancas. Vem gente de São Paulo, de Campinas, do Rio Grande do Sul. Ele está levando o nome de Carrancas a outras comunidades. Fazendo com que Carrancas fique conhecida. Carrancas, hoje, é conhecida no cenário nacional. Você vai em São Paulo, conhecem Carrancas. Você vai em Belo Horizonte, conhecem Carrancas. Há dez anos atrás ninguém conhecia Carrancas. É a auto-estima do carranquense.. Falava em Carrancas, o povo ria. Hoje, falam: ah! aquela terra.... inclusive, o turismo trouxe o benefício

porque compraram terra aqui. Compraram pousada. Uma alavanca que melhorou Carrancas. Carrancas melhorou graças ao turismo. (Entrevista 6, poder público).

Analisando-se o Quadro 17 percebe-se que os aspectos positivos mais mencionados pelo poder público, pelos empresários e pela população foram os aspectos econômicos trazidos pela atividade no município, enquanto os benefícios sociais do turismo foram mais citados pelos donos de atrativos. Mas, dimensões interessantes foram reveladas também pela população.

...uai, todo mundo hoje ganha dinheiro e se a pessoa tem dinheiro tem uma vida melhor. Igual no carnaval, só eu aqui aluguei 32 casas. Pelo que eu calculei mais ou menos, foram 150 casas. Eu calculei que entrou 500 mil reais em dinheiro na cidade no carnaval. Então, é qualidade de vida, é dinheiro para o pessoal gastar, comer... Todo mundo hoje tem uma casinha na frente e tem uma kitnette no quintal porque, no dia do feriado, quando as pousadas ficam cheias e não cabe o pessoal, eles vão para a casinha e alugam a casa. Tem casa de 1:200 reais para 4 dias (Entrevista 5, empresário local).

Gerar ocupação pro povo de Carrancas. A gente tende a pensar muito no dindim, mas não é muito por aí não. O dindim é consequência. Desde que gere ocupação e que não leve nossos filhos para engrossar as grandes cidades já é um grande progresso (Entrevista 12, dono de atrativo).

Carrancas evoluiu muito, culturalmente. Tem trazido pessoas com novas formas de pensar. Empresários que estão vindo radicar em Carrancas e vem somando (Entrevista 12, dono de atrativo)

4.4.2 Impactos negativos

Este tópico irá tratar das principais questões apontadas como negativas e discutir as razões pelas quais os entrevistados atribuíram significado negativo para cada fator mencionado.

Ao todo foram mencionados 59 fatores percebidos como negativos, sendo os mais citados os impactos sociais, com 21 fatores, seguido dos impactos ambientais, com 20 fatores citados. O terceiro impacto negativo mais mencionado, com 13 fatores, está relacionado com os aspectos econômicos e, em quarto lugar, com cinco fatores mencionados, os aspectos relacionados às mudanças culturais percebidas. Ainda foram citados como aspectos negativos a falta de regras e a falta de organização (Quadro 18).

É importante destacar que, em quatro dos dezesseis depoimentos, os entrevistados disseram que não percebiam nenhum impacto negativo causado pelo turismo. Alguns até prevêm que possa vir a acontecer, mas que, organizando e segmentando o público, ou seja, selecionando o tipo de turista, não haverá problemas futuros.

QUADRO 18 Pontos negativos do turismo na perspectiva dos atores sociais, Carrancas MG, 2003.

ATORES SOCIAIS	IMPACTOS NEGATIVOS							
	F = número total de fatores mencionados = 59							
	Fatores econômicos nf = 13		Fatores culturais nf = 5		Fatores sociais nf = 21		Fatores ambientais nf = 20	
Poder Público E = 3	n = 4 N=2	N/E = 1,33	n = 2 N= 2	N/E = 0,66	n = 6 N = 2	N/E = 2	n = 3 N=2	N/E = 1
Empresários E = 6	n = 3 N=2	N/E = 0,5	n = 1 N= 1	N/E = 0,16	n = 3 N = 1	N/E = 0,5	n = 10 N= 4	N/E = 1,66
Donos de atrativos E = 3	n = 5 N=2	N/E = 1,66	n = 1 N= 1	N/E = 0,33	n = 7 N=2	N/E = 2,33	n = 2 N= 1	N/E = 0,66
Comunidade E = 1 G = 3	n = 1 N= 1	N/E = 0,33	n = 1 N= 1	N/E = 0,25	n = 5 N=2	N/E = 1,25	n = 5 N= 3	N/E = 1,25

Fonte: dados de pesquisa

n = número de vezes que o fator foi citado

N = número de entrevistados que mencionaram o fator

nf = número total de fatores mencionados na categoria

E = número de entrevistados

G = número de grupos

Os **impactos sociais** percebidos como negativos dizem respeito ao aumento no consumo de drogas e de assaltos no município. Estes elementos foram citados oito vezes. Foram também considerados como aspectos negativos os conflitos entre os carranquenses e o “pessoal de fora”, e do conflito da atividade turística e as atividades agropecuárias.

Os motivos apontados para os conflitos são divergências de pensamento e dificuldade de trabalharem juntos, causando uma certa competição entre estes atores. O conflito “turismo x agropecuária” está relacionado à interferência do turista ao quebrar regras que regem a rotina nas fazendas. Por exemplo, ao deixar uma porteira aberta, ele permite que o gado passe de uma fazenda para outra e invada plantações, o que causa transtorno para os proprietários rurais, inclusive para aqueles que não têm atrativo turístico em suas propriedades.

Foi também apontado como razão para o fechamento de cachoeiras para banhistas o fato das águas destas cachoeiras abastecerem as casas de várias pessoas, comprometendo a qualidade da água consumida pela população.

Um dos entrevistados discute bem esta relação conflituosa e pontua algumas razões mais subjetivas para tais problemas.

O pessoal que deixa porteira aberta. Você tem pasto separado, gado mistura um com o outro, deixam muito lixo, deixam muito plástico, vaca come. Eu já perdi vaca lá em casa por causa de comer plástico. Então, eu tenho estes problemas e os outros proprietários têm estes problemas também. Além destes problemas, às vezes, as pessoas chegam e querem interferir na propriedade. Eu tenho uma prima que acabou fechando a cachoeira dela porque o pessoal chegava lá e passava dentro do curral dela. E pior. Começou a dar palpites pros empregados dela. Você não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, queriam saber quantas horas de trabalho eles trabalhavam, quais eram as condições de trabalho deles, se tinha insalubridade (Entrevista 8, dono de atrativo).

Este trecho mostra um lado mais intangível destes problemas, no qual questões culturais e sociais estão embutidas. No entanto, os próprios donos de

atrativos, que são as pessoas mais atingidas, apontam como possível solução a existência de planejamento e organização. Dessa forma, um turismo mais ordenado, no qual fossem estabelecidas regras de convivência e fossem estabelecidos os limites do turismo aceitável, poderia fazer com que esta difícil relação fosse superada.

O segundo bloco de problemas mencionados está relacionado aos impactos ambientais. Todos os fatores aqui relacionados estão ligados à conservação e foram mencionados de maneira bastante homogênea. Entre os fatores apontados estão o aumento no volume do lixo, a abertura de trilhas irregulares, a falta de consciência de alguns turistas e a diminuição dos cursos d'água devido a construções em lugares inadequados.

Não tem o controle de visitação. É só abertura de trilha, é gente que arranca orquídeas, que arranca bromélia e que levam embora. É cachorro na trilha, é churrasco. Tem gente lavando panela. Você está entendendo? Sem um mínimo de respeito. Não sabe se naquela cachoeira cabe aquele número de pessoas. Vai chegando, chegando, mais gente. Todo mundo anda sem guia, não tem um mínimo de consciência ambiental e as que têm estão levando uma imagem negativa. Então, eu acho que o meio ambiente está sendo muito danificado pela superpopulação na época dos grandes feriados em Carrancas. Você vê o tanto de trilha que abriu ilegalmente, construções em lugares inadequados, não tem um plano diretor, não tem um nada (Entrevista 2, empresário local)

Pode-se perceber que a falta de organização e a inexistência de planejamento abrangem todas as categorias e são mencionadas, seja de forma direta, referindo-se à necessidade de planejamento e organização ou estando estas questões subentendidas ao referir-se à capacidade de suporte do local, ao controle de visitação ou ao plano diretor do município.

Os **impactos econômicos** negativos foram a terceira categoria identificada. O fator mais citado foi a especulação imobiliária, provocada pelo

aumento do valor dos imóveis e do preço da terra. Também foram mencionados, o aumento do aluguel, o aumento do valor da mão-de-obra e o aumento dos salários. Foram agrupados ainda nesta categoria os prejuízos dos proprietários rurais com a perda de vacas engasgadas com sacos plásticos (mencionados três vezes) e foi considerado negativamente em um discurso o fato de algumas pessoas estarem deixando a atividade agrícola de lado para se dedicarem mais ao turismo.

O dinheiro, por um lado, foi muito bom pra uns, mas no caso lá da Zilda, eu ando muito preocupada porque eles aprenderam a ganhar um dinheiro com a entrada das pessoas e as atividades agrícolas vão ficando secundárias (Entrevista 3, poder público)

Relacionada aos **impactos culturais negativos** está a alteração de costumes tradicionais, como mudanças no jeito das pessoas se vestirem e no modo de falar, ou seja, a possibilidade de introdução de novas culturas pelo contato com pessoas dos mais diferentes lugares que chegam à cidade trazendo seus costumes. Também foram citados como aspectos negativos da atividade a possível mudança de valores e a transformação da cultura local em espetáculo. Este último impacto mencionado foi exposto por um dos entrevistados:

Um impacto negativo que eu acho é as pessoas tentarem interferirem nessa cultura. No caso da folia e da congada, interferiram no modo como eles se vestiam, no modo como eles se apresentavam, queriam que eles cobrassem dos turistas, que se apresentassem para o turista. Porque a tradição é sair no mês de outubro (Entrevista 2, empresário local).

O Quadro 19 mostra os principais impactos positivos e negativos mencionados e agrupados em cada categoria

QUADRO 19 Natureza dos impactos do turismo segundo a perspectiva dos entrevistados, Carrancas, MG, 2003.

CATEGORIA DE IMPACTOS							
Econômicos		Físico/ ambientais		Culturais		Sociais	
Positivos	Negativos	Positivos	Negativos	Positivos	Negativos	Positivos	Negativos
Geração de emprego	Especulação imobiliária	Aumento da consciência ambiental	Aumento do volume do lixo	Intercâmbio cultural	Alteração de costumes tradicionais	Despertar o pessoal	Divisão e briga
Implemento no comércio	Inflacionamento de aluguel, salário	Processo de valorização do meio ambiente	Diminuição dos cursos d'água	Valorização da cultura	Mudança de valores	A auto-estima melhorou	Competição
Concorrência comercial	Mudança de atividade	Preservação ambiental	Animais se afastando	Resgate cultural	Introdução de nova cultura	Pessoas começando a mudar a visão de mundo	Perda de privacidade
Renda	Dinheiro gerado não fica na cidade	Melhoria de infra-estrutura	Construções em lugares inadequados			Divulgação da cidade	Assalto e drogas aumentando

Fonte: dados de pesquisa.

4.4.3 Considerações gerais sobre as mudanças percebidas pela população decorrentes da atividade turística

A maioria destes impactos já foi mencionada anteriormente pelos autores revisados. No entanto, alguns fatores bastante mencionados e não citados na teoria mostram a importância de se fazer um diagnóstico específico para cada local e, principalmente, a necessidade de que este levantamento seja feito junto à população local, utilizando uma metodologia que possibilite perceber as diversas dimensões implícitas ao processo, devido à subjetividade relacionada a algumas dessas questões.

4.5 Ações sugeridas

Após a discussão dos principais fatores favoráveis e dos principais problemas mencionados pela população, foi pedido que os atores sugerissem ações que, na opinião de cada um, poderiam minimizar os impactos negativos e potencializar os impactos positivos, visando melhorar o turismo no município.

A análise destas sugestões seguiu os mesmos parâmetros das análises anteriores. Assim, primeiramente, foram extraídas as unidades de significado de cada discurso. Estas unidades foram posteriormente agrupadas por similaridade por meio da redução fenomenológica, chegando-se, assim, ao que denomina-se categorias abertas.

As mesmas categorias foram encontradas ao se fazer as análises das ações sugeridas para melhorar os impactos negativos e das ações sugeridas para melhorar o turismo na cidade. Dessa forma, após apresentar as sugestões dadas para cada questão separadamente, estas categorias serão detalhadas em conjunto.

4.5.1 Ações para minimizar os impactos negativos percebidos

Para que os impactos negativos sejam minimizados, foram sugeridas 36 ações que foram agrupados em seis categorias relacionadas a fatores como união (2 ações mencionadas), cultura e educação (com 6 citações), estabelecimento de regras (maior categoria, com 11 ações mencionadas), necessidade de planejamento (com 10 ações), segmentação de mercado (foi mencionada 3 vezes) e necessidade de políticas públicas (mencionada duas vezes). O Quadro 20 mostra a relação das categorias de ações, por entrevistado e que são explicadas posteriormente.

Os discursos dos quatro entrevistados que disseram acreditar que o turismo não tem trazido problemas significativos para a cidade ficaram de fora desta primeira análise.

QUADRO 20 – Categorias de ações apontadas pelos entrevistados como meios para minimizar os impactos negativos do turismo no município de Carrancas, MG, 2003.

Categoria	Discurso
União	(1) (3)
Educação e cultura	(1) (3) (10) (11) (13) (13)
Regras	(1) (1) (4) (4) (9) (9) (9) (G1) (G2) (G2) (G2)
Planejamento	(2) (2) (3) (8) (8) (8) (9) (G1) (G1) (G2)
Marketing	(2) (4) (12)
Políticas públicas	(3) (4)

Fonte: dados da pesquisa

- Poder público - discursos (1) (3) (6)
- Empresários:
 - da cidade discursos (2) (5) (10)
 - -vindos de grandes centros (4) (7)
 - -carranquense que voltou para a cidade para trabalhar com turismo (9)
- Donos de atrativos – (8) (11) (12)
- População – (13) (G1) (G2) (G3)

4.5.2 Para melhorar o turismo na cidade

Para que o turismo na cidade seja melhorado, foram sugeridas 39 ações. As mais citadas foram agrupadas na categoria planejamento e organização, com 11 indicações. A necessidade de união e o estabelecimento de regras agruparam nove indicações cada uma. A categoria intitulada educação e cultura foi formada por quatro indicações e o marketing agrupou três sugestões.

Para que o turismo na cidade melhore também foram sugeridas melhorias em infra-estrutura, citadas por um entrevistado e uma maior distribuição da renda gerada. Esta última sugestão está relacionada à necessidade de cooperação e de complementariedade para que as oportunidades consigam atingir um número maior de pessoas. Como exemplo, será utilizado um trecho de entrevista.

Para melhorar o turismo seria a divisão dos trabalhos na cidade. Tem gente fazendo coisa que não tem nada a ver com o negócio. Acaba atrapalhando quem faz aquele serviço. Por exemplo, um dono de pousada. Chega um turista lá e ele sai para guiar. Uma pessoa que não vai contar a história da cidade, não vai explicar legal as coisas sendo que um guia poderia estar fazendo este serviço, ele foi preparado para isso e, também, ele já está ganhando o dinheiro dele, da pousada (grupo de foco, guias).

O Quadro 21 mostra a relação de categorias com o número dos discursos.

QUADRO 21 – Categoria de ações apontadas pelos entrevistados como meio para melhorar o turismo no município de Carrancas, MG, 2003.

Categoria	Discurso
União	(1) (2) (2) (7) (10) (12) (12) (12) (13)
Educação e cultura	(1) (2) (9) (13)
Regras	(1) (1) (3) (4) (5) (10) (10) (G2) (G2)
Planejamento	(2) (5) (7) (7) (7) (8) (8) (8) (8) (10) (10)
Marketing	(4) (7) (G2)
distribuição de oportunidades	(5) (G2)
Melhoria em infra-estrutura	(11)

Fonte: dados da pesquisa

- Poder público - discursos (1) (3) (6)
- Empresários
 - - da cidade discursos (2) (5) (10)
 - - vindos de grandes centros (4) (7)
 - - carranquense que voltou para a cidade para trabalhar com turismo (9)
- Donos de atrativos – (8) (11) (12)
- População – (13) (G1) (G2) (G3)

Como as principais categorias encontradas nas duas questões analisadas foram as mesmas, a partir de agora elas serão tratadas da mesma forma. Assim, estas questões estarão reunidas e detalhadas no tópico seguinte.

4.5.3 Ações sugeridas para minimizar os impactos negativos e melhorar o turismo no município de Carrancas, MG

As ações sugeridas, denominadas **União**, abrangem as sugestões de união dos diversos setores, como população, donos de pousadas, prefeitura, agricultores, guias e agências. Os atores sociais representados pelos donos de atrativos turísticos foram os que mais mencionaram esta questão.

A categoria intitulada **Cultura e educação** reporta à necessidade de fortalecer a cultura local por acreditarem que uma cultura forte dificulta a penetração de outras culturas. Foram também citados nesta categoria a

necessidade de educação e conscientização da população e o fortalecimento de princípios morais e de valores éticos para que as pessoas estejam fortalecidas e, em consequência, menos susceptíveis a mudanças. A comunidade foi o ator social que mencionou o maior número de fatores relacionados a esta categoria.

O depoimento a seguir demonstra a importância de se preparar a população para que estes impactos culturais negativos possam ser superados.

Eu acho que a gente tem que preparar bem esta juventude, para conviver com tudo que tem de bom, e saber e ter o senso crítico para não aceitar o que devemos fazer uma certa restrição. O problema é educar o pessoal bem para que ele tenha um senso crítico muito aguçado, para poder saber o que ele pode fazer, o que vai trazer crescimento e o que vai impedir o crescimento dele (Entrevista 13, população).

O estabelecimento de **regras**, com vinte ações sugeridas, reporta à necessidade de criação de leis que melhorem a convivência e possibilitem que a atividade turística seja mais sustentável. Entre as sugestões estão o estabelecimento da capacidade de carga dos atrativos, identificando e respeitando a capacidade de suporte de cada área; o controle de visitação, com a construção de uma portaria, o que auxiliaria na indicação de quando e quais atrativos poderiam ser visitados; a rotatividade dos atrativos, ou seja, o fechamento de cachoeiras por determinados períodos para que o ecossistema local consiga se recuperar dos impactos sofridos; a fiscalização e a identificação dos turistas para que a população e, principalmente, os donos de atrativos possam se sentir mais seguros. Os fatores que formam esta categoria foram mais mencionados pelo poder público.

Complementando a categoria anterior, o planejamento agrupa fatores que remetem diretamente à necessidade de organização, coordenação e planejamento desta atividade. Esta foi a categoria que agrupou o maior número

de ações, com 21 citações. Apesar de os donos de atrativos terem sido os atores sociais com maior número de citações, estas ações foram mais sugeridas pelos empresários, tendo apenas um deles não mencionado fatores relacionados a esta categoria.

As sugestões relacionadas ao marketing dizem respeito à necessidade de se segmentar o mercado turístico, já que várias pessoas mencionaram a existência de dois tipos de turistas, um desejável e o outro não. Segundo a opinião geral, o “bom turista” não degrada e traz benefícios, deixando dinheiro e querendo interagir com a população local, enquanto o outro tipo de turista, também chamado “farofeiro”, não traz retorno nenhum para eles e só deixa o lixo. O depoimento de um entrevistado exemplifica este tipo de segmentação e, jocosamente, substitui a palavra turista por “durista” (turista sem dinheiro):

A gente usa este termo “durista”, que é aquele que vem no final de semana, num ônibus, não deixa lucro nenhum na cidade, já traz toda a cerveja, a churrasqueira, a sujeira. Ele não respeita a natureza. Estes dias a gente foi lá na Vargem Grande eu voltei com as mão cheias de papel, de latinha... Este é um impacto negativo de um “durista”. Porque o turista, eu sempre falo, é aquele que traz o lixo de volta (Entrevista 10, empresário local).

As sugestões agrupadas nesta categoria foram mais mencionadas pelos empresários.

4.5.4 Considerações sobre as ações sugeridas

As ações sugeridas mostram que, de maneira geral, os atores estão conscientes e sabendo o que deve ser feito. No entanto, mais importante do que estar bem informado é começar a colocar estas sugestões em prática.

Mais uma vez pode-se perceber a convergência dos resultados de pesquisa com o referencial teórico apresentado. A implantação de uma proposta de ecoturismo, apesar de indicar o caminho para o turismo sustentável, não é uma tarefa fácil de ser executada. A necessidade de união, sugerida por alguns como uma ação para um turismo melhor, pode ser um fator determinante neste processo de transformação da retórica em realidade, já que, ao se fazer a leitura das entrevistas, encontram-se facilmente menções à falta de união, à competição e ao egoísmo (usando as palavras deles mesmos “é cada um olhando para o seu umbigo”). No entanto, se os discursos conseguissem trocar estas ações por outras, como cooperação e a ajuda mútua, poderia-se chegar a concretizar um verdadeiro ecoturismo.

4.6 Fazendo um “balanço” e analisando a viabilidade da atividade turística

Esta seção busca avaliar a viabilidade da atividade turística no município de Carrancas, MG. Com este objetivo, após a discussão sobre os impactos positivos e negativos do turismo, indagou-se aos atores sociais se o turismo vale a pena.

Apenas uma pessoa considerou que o turismo não vale a pena e três pessoas vincularam a viabilidade da atividade à necessidade de planejamento e ordenação. Os demais entrevistados acreditam que o turismo vale a pena.

Como os tópicos anteriores, esta questão foi analisada a partir da leitura dos discursos dos entrevistados, de onde foram extraídas as unidades de significados e, posteriormente, o agrupamento por similaridade. Estes agrupamentos deram origem a quatro categorias as quais foram denominadas união, planejamento, economia e potencialidade.

As principais razões citadas e relacionadas à viabilidade do turismo estão associadas a estas quatro questões. No entanto, apesar de ter acontecido em menores proporções, outros motivos também foram citados.

A partir dos discursos, foram extraídos 35 unidades de significados. A categoria que agrupou o maior número de fatores foi a intitulada união. Nesta categoria foram agrupados oito fatores que citavam e relacionavam a necessidade de união à viabilidade do turismo. Esta questão foi mais citada pelos empresários da cidade.

As pessoas têm que colocar na cabeça que a gente precisa se unir, a gente vai ter que se organizar, vai ter que fazer. Porque é muito fácil você falar.... O maior problema de Carrancas não é o legislativo. O maior problema é a iniciativa privada. Porque tá muito desunida, é muito grupo formado. É muita briga, muito conflito. Cada um pensando em si no que pode ganhar. Ninguém está pensando em Carrancas (Entrevista 2, empresário local).

A necessidade de planejamento também foi considerada fundamental para que o turismo na cidade valha a pena. Os fatores relacionados a esta categoria foram apontados como essenciais para que a sustentabilidade seja garantida, agora e no futuro. O ator social que deu menos importância a esta questão foi o poder público e os atores sociais que mais relacionaram o planejamento com a viabilidade do turismo local foram os donos de atrativos e a população.

Olha, eu acho que se a gente conseguir ordenar isso aí, haver uma organização, ele vale a pena. Hoje, eu vejo ele com muita preocupação. Porque se vem um fluxo de visitantes acima da capacidade máxima da cidade, e já tem acontecido isso, as pessoas vão ser mal recebidas. Elas vão ser mal atendidas. Então isso aí depõe contra o local (Entrevista 8, dono de atrativo)

Os benefícios econômicos também foram citados para justificar os que consideram que o turismo vale a pena. Assim, foram apontados a geração de emprego, o aumento da renda e o aumento dos investimentos na cidade como razões positivas para esta questão. O ator social que menos mencionou estes argumentos foi a população; os outros atores sociais tiveram o mesmo número de menções relacionadas aos aspectos econômicos.

Vale porque tem muita gente hoje vivendo disso. Vivendo do turismo. Ai a gente pergunta: quem? Os donos de pousadas? Os donos de restaurantes? Sim, mas beneficia quem presta serviço a eles. Muita gente está sendo atingida. O indivíduo que planta uma horta, que aluga uma casa, o indivíduo que trabalha de empregado, eu acho que hoje deve atingir uns 60%, 70% da população que é beneficiada pelo turismo. Principalmente a classe média para baixo. A classe mais da ponta da pirâmide nem tanto. Só aqueles que está dentro do ramo, no meio rural que é tradição leiteira. Agora, quem está na cidade, eles são privilegiados diretamente. Bar, comércio, farmácia. Mas, se analisar, até os fazendeiros são atingidos (Entrevista 9, empresário local).

A última categoria foi formada pelas citações que apontam o potencial do município, as vantagens comparativas, como razão para a viabilidade do turismo. Os entrevistados acreditam que Carrancas tem o privilégio de ter tantos atrativos, e por isso, devem aproveitá-los, já que a grande maioria dos município não tem e tenta se desenvolver com o turismo. As razões relacionadas a esta questão foram mais mencionadas pelos dono de atrativos.

Vale, porque a gente tem um atrativo, que poucas cidades têm o que Carrancas tem. Eu acho que vale a pena sim. Se a gente tem este atrativo por que não? O que nos resta é preservar. Temos que trabalhar, que unir, para preservar isso aí. Trabalhar para poder preservar (Entrevista 10, empresário local).

Ainda foram citados, como razões para que o turismo compense, o fato dele ser considerado um setor limpo, que gera emprego de boa qualidade e a

divulgação do município. A escolha do perfil do turista também foi relacionada, pois eles consideram que o turismo vale a pena se tiver um nível bom de turista.

Apenas uma pessoa considera que o turismo não compensa. O motivo apontado para esta conclusão foi a política atual de turismo que, na opinião do entrevistado, incentiva um turismo predatório, sem compromisso com o local, vislumbrando um alto retorno financeiro e divulgando o grande número de emprego e renda gerado pela atividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho evidencia que o turismo é uma importante atividade com capacidade de gerar grandes transformações em uma localidade ou região.

O turismo atual demonstra uma grande inversão de valores na relação urbano/rural, com este último passando a ser crescentemente valorizado, pela capacidade de oferecer ar puro, pelo tradicional, pela tranquilidade e possibilidade de contato com a natureza. As propostas de desenvolvimento enfatizam a necessidade de compatibilizar preservação ambiental, crescimento econômico, manutenção da cultura, aproveitamento das potencialidades e especificidades locais. O ecoturismo aparece como uma alternativa que abraça estas duas tendências.

Este estudo fundamentou-se na abordagem interpretativa e buscou identificar se, na percepção dos atores, o turismo na cidade de Carrancas tem contribuído positivamente para o processo de desenvolvimento do município. Acredita-se que a resposta seja positiva, já que atividade tem gerado emprego e renda, possibilitado mudanças profundas na vida da população local, despertando as pessoas, ampliando sua visão de mundo, incentivando o crescimento pessoal e mostrando novas perspectivas. Além disso, está havendo um resgate da cultura e da auto-estima, bem como a conscientização para a preservação ambiental. Além disso, Carrancas tem um grande potencial turístico e pode fazer com que seus diferenciais sejam transformados em vantagens comparativas. O aproveitamento de vantagens comparativas, a ênfase dada às capacidades internas do local, a potencialização da economia e a possibilidade de melhorar as condições de vida e ajudar no combate à exclusão social fazem com que o ecoturismo possa ser uma alavanca para o desenvolvimento local.

Juntando-se aos aspectos emergidos deste estudo, o trabalho de Krippendorf (1989) reforça este posicionamento ao considerar que, ao ser negligenciado, o turismo pode trazer conseqüências ainda mais danosas, aumentando os impactos negativos pelas quais esta atividade é tão questionada. Além disso, a percepção geral dos atores sociais pesquisados é a de que o turismo tem trazido desenvolvimento. No entanto, estas considerações não devem encobrir os graves problemas e, principalmente, a necessidade de planejamento e gerenciamento da atividade.

Em relação aos objetivos específicos, percebe-se que os atores têm uma visão multidimensional de desenvolvimento, atribuindo diferentes significados ao termo.

Embora predomine a noção de desenvolvimento como crescimento econômico, geração de emprego e renda (quatorze dos dezesseis discursos analisados), outras dimensões também foram bastante expressivas, como a qualidade de vida, a importância de se preservar o meio ambiente e a cultura, chegando a se falar em aproveitamento das potencialidades locais, que caracteriza o chamado desenvolvimento endógeno anteriormente discutido.

Observando-se as categorias abertas e as unidades de significados extraídas das análises de desenvolvimento e qualidade de vida, nota-se uma certa convergência destes termos. Isso demonstra a estreita relação entre estes conceitos, indicando que a percepção dos atores sociais locais contém uma forte conexão entre eles, convergindo para as mesmas unidades de significado.

As maiores diferenças entre estes dois conceitos é que, enquanto o desenvolvimento faz referência ao progresso e à necessidade de ações sociais coordenadas, a qualidade de vida está mais relacionada com um modo de vida melhor (tranquilidade, segurança, ar puro, amizade, confiança). A percepção geral é a de que o turismo também tem trazido qualidade de vida, já que apenas três dos dezesseis discursos analisados afirmam o contrário.

A expansão das liberdades das pessoas e a remoção das privações de liberdade foram apontadas como motivos principais, juntamente com fatores econômicos, para que os entrevistados atribuissem uma percepção positiva na relação entre turismo e qualidade de vida. Estes aspectos reforçam a ligação de desenvolvimento e qualidade de vida defendida por Sen (2000).

Em relação aos impactos positivos e negativos da atividade turística no município, percebe-se que Carrancas tem sido um exemplo próximo da realidade descrita pelos autores revisados. O município tem recebido diferentes impactos, tanto positivos como negativos.

Grande parte dos impactos mencionados pelos atores entrevistados pode ser encontrada no referencial teórico apresentado. No entanto, alguns fatores não mencionados na teoria mostram a importância de se fazer um diagnóstico específico para cada localidade estudada e, principalmente, que este levantamento seja feito junto à população local para que possam ser detectados em maior profundidade.

Os impactos positivos e negativos foram classificados em 4 categorias que foram divididas em fatores econômicos, físico/ambientais, culturais e sociais. Os fatores econômicos percebidos como positivos foram a geração de renda, o implemento do comércio, a concorrência comercial e o aumento na renda. Os fatores físico-ambientais considerados positivos foram o aumento da consciência ambiental, o processo de valorização ambiental, melhoria na preservação do meio ambiente e melhoria em infra-estrutura. Foram apontados como impactos culturais positivos o intercâmbio cultural, a valorização e o resgate da cultura e foram destacados como impactos sociais positivos o despertar da população local, a melhoria da auto-estima, a mudança na visão de mundo de algumas pessoas e a divulgação da cidade.

Como impactos econômicos negativos foram citados a especulação imobiliária, o inflacionamento de aluguel e salários e o abandono de antigas

atividades, no caso a agropecuária. Os fatores físico-ambientais considerados negativos foram o aumento do volume de lixo, a diminuição dos cursos d'água, o mal uso na ocupação do solo e o afastamento de animais. Foram apontadas, como impactos culturais negativos, a alteração de costumes tradicionais, a mudança de valores e a introdução de novas culturas e, como impactos sociais negativos, foram percebidos problemas como divisão, briga, competição, perda de privacidade e aumento de assalto e de drogas no município.

Deve-se observar que um ator pode identificar um fator como positivo enquanto outros atores, ou até mesmo o próprio ator, podem identificá-lo como negativo ao conectar este fator a outros objetos de orientação, podendo levar à redefinição do significado inicialmente estabelecido. Esta multiplicidade de significados pode ser verificada neste estudo.

Por meio destas considerações, pode-se perceber que o turismo tem trazido grandes mudanças, tanto para a cidade como para a população. Estas mudanças abrangem várias dimensões do desenvolvimento. Para que os impactos negativos sejam neutralizados e os impactos positivos sejam potencializados torna-se fundamental o planejamento. Esta foi uma das principais sugestões para o ordenamento do turismo local e foi a ação mais sugerida pelos donos de atrativos. Isto deve-se, provavelmente, ao fato de ser este o ator social que mais tem sofrido com a falta de organização.

Vale ressaltar a importância do planejamento ser elaborado tendo em vista as especificidades locais, bem como ser feito com a participação da comunidade para que ele seja legitimado e implementado.

Além de planejamento e organização (capacidade de carga, rotatividade das cachoeiras, portal), foram sugeridos ainda fatores relacionados a marketing (segmentação do mercado e divulgação correta), distribuição das oportunidades e união.

As ações sugeridas pelos atores sociais pesquisados mostram que, de maneira geral, eles estão bem informados, sabendo o que deve ser feito. No entanto, tão importante quanto estar bem informado e consciente é começar a colocar em prática estas sugestões. Apesar da consciência e da boa percepção a respeito do caminho a ser trilhado, fica evidente a dificuldade de implementação das ações sugeridas.

Mais uma vez pode-se perceber o encontro dos resultados de pesquisa com o referencial teórico apresentado. O ecoturismo, apesar de indicar o caminho para o turismo sustentável, não é uma tarefa fácil de ser concretizada. A necessidade de união sugerida pode ser um fator determinante neste processo de transformação da retórica em realidade, já que tanto as entrevistas como a própria observação externam uma grande desunião, competição e egoísmo entre os atores pesquisados. Conflitos de interesse, por manifestar contradições e inquietudes, são intrínsecos ao homem e difíceis de serem eliminados, no entanto, se os discursos conseguissem trocar estas ações por outras, como cooperação e a ajuda mútua, introduzindo o conceito de capital social, poderia-se chegar a concretizar um verdadeiro ecoturismo.

Uma sugestão é que os atores sociais envolvidos parem de esperar dos outros, principalmente da prefeitura, a solução para seus problemas. Precisam se tornar agentes conscientes e ativos, pois têm um importante papel a desempenhar no processo de desenvolvimento do município. A prefeitura também é de fundamental importância neste processo; ela deve ser um agente articulador, abrindo seu horizonte e envolvendo as pessoas.

Como já disse Milton Santos, a semente está plantada; falta o florescimento, o passo seguinte em atitudes, inconformidade e até rebeldia.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural.** Seminário sobre Reforma Agrária e desenvolvimento sustentável. Fortaleza, 1998. 18 p

ALENCAR, E. **Conceitos básicos: roteiro de aula.** Lavras: UFLA, 1998. 12 p.

ALENCAR, E. **Introdução à metodologia de pesquisa social.** Lavras: UFLA/FAEPE, 2000. 105 p.

ALENCAR, E.; BARBOSA, J. H. **Introdução ao ecoturismo.** Lavras: UFLA/FAEPE, 2000. 96 p.

ALENCAR, E.; GOMES, M. A. O. **Metodologia de pesquisa social e diagnóstico participativo.** Lavras: UFLA/FAEPE, 1998. 212 p.

ALIER, J. M. **Da economia ecológica ao ecologismo populár.** Trad. De Armando de Melo Lisboa: Blumenau: Ed da FURB, 1998. 402 p. (Sociedade e ambiente)

ALVATER, E. **O preço da riqueza.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995. p. 21-41

AMÂNCIO, R.; GOMES, M.A. **Ecoturismo e sustentabilidade.** Lavras: UFLA/FAEPE, 2001.

ANDRADE, S. A. **Educação ambiental: conceitos, história, problemas e alternativas.** ministério do meio ambiente, UFSC, 2000.

AMATO, M. **A Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Carrancas e sua história.** São Paulo: Loyola, 1996. 288 p.

BARRETO, M. **Planejamento e organização em turismo.** Campinas, S.P.: Papirus, 1991. (Coleção Turismo)

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** Campinas, SP: Papirus, 1997.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994. 335 p.

BOO, E. "O planejamento Ecoturístico para áreas Protegidas". In: LINDEMBERG, K.; HAWKINS, D. E. (Ed.) **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: SENAC, 1995. p. 31-58.

BRÜSEKE, F. J. "O problema do desenvolvimento sustentável". In: CAVALCANTI, C.(Org.) **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 1995.

BUARQUE, S. C. **Metodologia do planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Recife, IICA, 1999.

CALIARI, R. O. **Pedagogia da alternância e desenvolvimento local**. 2002. 237 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG.

CASLEY, D.J.; KUMAR, K. **The collection, analysis, and use of monitoring and evaluation data**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998. 174p.

CASTORIÁDES, C. **As encruzilhadas do labirinto II- Domínios do homem**. Rio de Janeiro, editora Paz e Terra, 1987. P. 135-158.

CHEVEZ, M. L. Z. Desenvolvimento e capital social: uma tentativa de integração. **Revista Científica Symposium**, Lavras, v. 1, n. 1, p. 27-37, Jan./jun. 2003

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. "Introduction: entering the field of qualitative research. In: _____. **Handbook of qualitative research**. Londres: Sage, 1994. p. 1-17.

DIEGUES, A. C. S. **O Mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: HUCITEC, 1998.169 p

DI FILIPPO, M. M. S. **Mulher, desenvolvimento e meio ambiente: a experiência da Associação Mãos Mineiras**. 2002. 134 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG.

FARIA D. S.; CARNEIRO, R. K. S. Sustentabilidade ecológica e ecoturismo. *Espaço e Geografia*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 35-45, 1999

FERNANDES, A. S. A. O conceito de capital social e sua aplicação na análise institucional de políticas públicas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – ENANPAD, 25., 2001, Campinas. *Anais...* Campinas: ANPAD, 2001. (CD-Rom)

GONÇALVES, C. **O turismo e a reconstrução do espaço rural: o caso do Arraial de Conceição do Ibitipoca (MG)**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUBA, E.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. Londres: Sage, 1994. p. 105-117.

HOBSBAWN, E. J. **Era dos extremos**. São Paulo, Cia das letras, 1995.

HUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e planejamento sustentado: a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papirus, 1997. (Coleção Turismo)

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

JARA, C. Capital social e desenvolvimento local sustentável. In: CONTAG: A formulação do capital social para o desenvolvimento local sustentável. *Anais...* São Luiz : II Fórum de Contag de cooperação técnica, 1999.

JARA, C. **A Sustentabilidade do desenvolvimento local**. Brasília: Instituto americano de cooperação para a agricultura, 1998. 316 p

JONES, P. **Studying society: sociological theories and research practices**. Londres: Collins, 1993. 182 p.

JOSÉ, A C. et. al. “Carrancas na trilha de um turismo ordenado”, do núcleo de educação ambiental de Lavras da unidade multifuncional do IBAMA de Lavras 2000.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo - para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1989.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia**

da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 340 p.

LICKORISH, L. J.; JENKINS, C. L. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Campus 2000.316 p

LIMA, A. L. C. Abordagens teóricas sobre o desenvolvimento econômico local: Idéias inovadoras no debate sobre essa antiga questão? **Organizações e Sociedade**, Salvador, v. 7, n. 18, p. 159-183, Maio/ago. 2000.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação**. Porto Alegre: Bookman, 2001. 719 p.

MATHIESON, A. G.; WALL, ?. **Tourism, economic, phisical ando social impacts**. Harlow, UK: Longman cientific & technical, 1982.

MELO, A. P. G. **Ecoturismo e desenvolvimento sustentável: um estudo de caso no município de Carrancas MG**. Lavras: UFLA, 2002. 55 p. (Monografia)

MENDONÇA, M. C. A. A indústria do turismo: história características e tendências. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, Lavras, v. 5, n. 1, p. 49-56 jan./jun. 2003

MOURA, S. A Gestão do desenvolvimento local: Estratégias e possibilidades de financiamento. In: ENCONTRA NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUCAO EM ADMINISTRAÇÃO - ENANPAD, 22., 1998, Campinas. **Anais...** Campinas: ANPAD, 1998. CD-ROM.

MOURA, S.; LOIOLA, E.; LIMA, A. L. C. A gestão local do desenvolvimento econômico: as experiências de Salvador e Porto Alegre. **Organizações e Sociedade**, Salvador, v. 6, n. 15, p. 119-133, maio/ago. 1999.

MURRAY, D. J. Case study as form of enquiry. In: THE OPEN UNIVERSITY. **Social Sciences**. Londres: The Open University, 1974. p. 165-172.

OLIVEIRA, A. P. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. São Paulo: Atlas, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO – OMT. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável** Porto Alegre: Bookman, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO – OMT. **Introducción al turismo**. Madri, 1998.

PATTON, M. Q. Qualitative evaluation and research methods. Londres: Sage, 1990. 532 p.

PERES, F. C. Capital social: a nova estrela do crescimento econômico. Preços Agrícolas, Piracicaba, v. 14, n. 163, p. 6-10, maio 2000.

PETROCCHI, M. Turismo: planejamento e gestão. São Paulo: Futura, 1998.

PLOG, Why destinations áreas rise and fall in popularity. Nova York: Cornell H.R.A Quarterly, 1973.

PUTNAN, R. D. Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

REA, L. M.; PARKER, R. A. Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução. São Paulo: Pioneira, 2000. 262 p.

REZENDE, C. F.; FASSIO, L. H. Segmentação do mercado turístico em Carrancas, MG. Lavras, 2002. 16 p. (trabalho não publicado)

RODRIGUES, A. B. (org.). Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1999.

ROQUE, A. M. Turismo no espaço rural. Um estudo multicaso nas regiões sul e sudeste de minas gerais. 2001. 106 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG.

RUSCHMANN, D. M. O desenvolvimento sustentado do turismo. Turismo em Análise, São Paulo, v. 3, n. 3, p. p. 42-50, maio 1992.

RUSCHMANN, D. M. Turismo e planejamento sustentado: a proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus, 1997.

SACHS, I. Ecodesenvolvimento - crescer sem destruir. São Paulo: Vértice, 1986.

SEN, A. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das letras, 2000. 409 p.

SERVIÇO DE APOIO AS PEQUENAS E MICRO EMPRESAS. Carrancas – Matriz Fofa. [S. l.], 2001. Não publicado.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Hand book of qualitative research**. Londres: Sage, 1994. p. 236-242.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basic of qualitative research: grounded theory procedures and techniques**. Londres: Sage, 1990. 268 p.

TOFANI, F. P. Os desafios do desenvolvimento sustentável em comunidades frágeis sob o impacto do turismo. **Revista EA**, Belo Horizonte, p. 2-25, mar. 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

VITORINO, M. R. **Lazer em áreas naturais**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2000. 39 p.

WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**. São Paulo: Manole, 2001.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001. 205 p.